

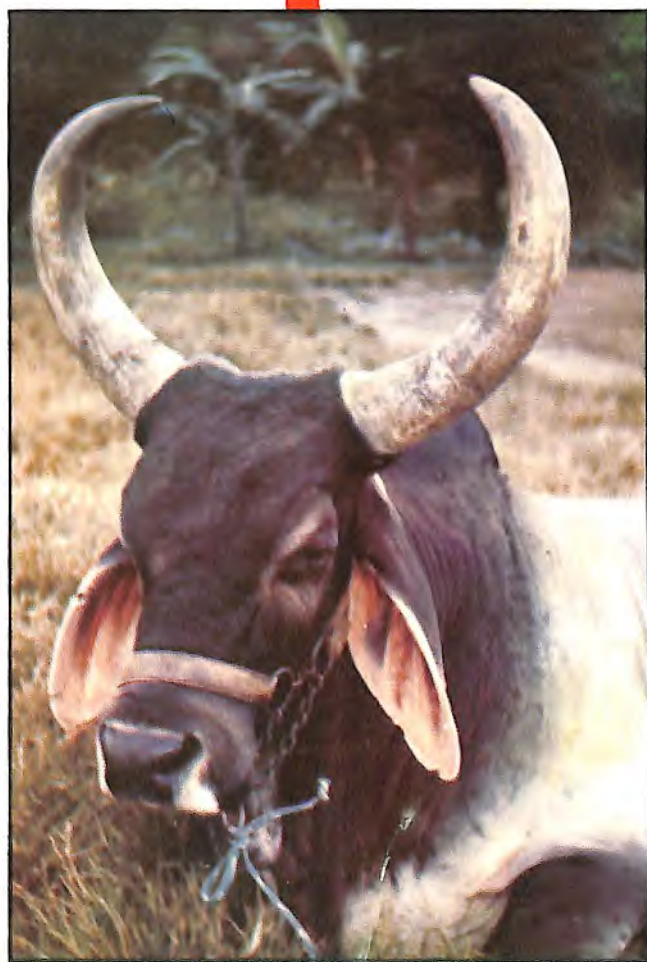
ALAVOURA

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 1897

ANO LXXVII

MARÇO/ABRIL, 74



Exposições Agropecuárias no Brasil



LIMPEZA GARANTE BOM LEITE

Adote estes cuidados,
para produzir mais
leite e de melhor
qualidade!

O sr. Olinto, co-
nhecido fazendei-
ro de sua região,
fazia tudo para
melhorar a produ-
ção leiteira do seu
gado, mas o seu
vizinho, o sr. Si-
queira, obtinha
sempre melhores
resultados.

UM DIA OS DOIS SE ENCONTRARAM



NO DIA SEGUINTE



É VERDADE, VACA ASSUS-
TADA ESCONDE O LEITE!
Estou vendo também que você
tem tudo no limpo e os vasi-
lhames são colocados em pra-
teleiras bem cuidadas e em lu-
gar arejado.



Antes da ordenha, mando fazer a limpeza
completa do úbere de cada vaca, com á-
gua e desinfetante, evitando assim a con-
taminação do leite pela sujeira trazida pelo
animal.



UMA
COLABORAÇÃO DA
ASSISTÊNCIA
NESTLÉ
AOS PRODUTORES
DE LEITE-ANPL

EDITORIAL

Evidencia-se cada vez mais que o Governo Federal está consciente da inadiável necessidade de promover o desenvolvimento agropecuário do país, por uma série de razões, mais ou menos óbvias, dentre as quais não deve ser menor o desejo do Brasil cooperar na campanha contra a previsível e crescente escassez dos alimentos em escala mundial.

Assim sendo, pensa a S. N. A. ser dever de todos dar a sua contribuição, por modesta que seja, para a caracterização de tão alevantado propósito. Os males que afligem a agropecuária brasileira são tantos e tão profundos que só uma mobilização de todas esferas governamentais federal, estaduais e municipais —, bem assim, das áreas econômicas particulares, com abundantes recursos e orientação segura, poderão corrigi-los ou minorá-los a médio prazo.

O problema, de múltiplos aspectos, exige para sua solução as mais variadas providências. Procuraremos destacar uma das mais importantes, — a tributária — vez que, conforme amplamente divulgado, o Governo Federal pretende instituir uma comissão para reestruturar o Imposto de Renda.

Examinando-se a questão sob o aspecto desse tributo e considerando-se que é notório o fato de não haver gestão adequada no meio rural, a começar pela falta quase total de contabilidade agrícola, considerando-se que, somente a longo prazo se levaria ao meio rural uma formação de mentalidade aceitável nas técnicas agropecuárias e gerenciais — o que bloqueia qualquer tentativa de melhoria, a curto prazo, da produção e, principalmente da produtividade —, e, considerando-se, ainda, que o empresariado urbano, particularmente o industrial, conseguiu grande avanço tecnológico e gerencial sobre o rurícola, que é mais permeável às inovações, que dispõe de recursos financeiros infinitamente mais abundantes, que precisa diversificar suas atividades e que tem a tendência, em muitos casos de voltar às origens, em maior capacidade de transformar o nosso atual artesanato agrícola, chega-se a conclusão de que seria altamente compensadora a atuação de organizações empresariais idôneas e competentes — nacionais e estrangeiras — para o campo, favorecendo, ainda àqueles que já estão jogando a sorte nas afanosas lidas agrícolas. Aliás, tal proceder vem sendo, de certo tempo a esta parte, adotados pelos países considerados mais desenvolvidos. Aceitas essas

premissas, far-se-á indispensável a concessão de um incentivo fiscal de grande alcance, capaz de motivar empresários empreendedores, que venham revolucionar o meio agrícola, não só pelo exemplo, como ainda, evitando, na medida do desejável, o êxodo rural, pela abertura de vastas perspectivas ao assalariado, com a criação de uma força de trabalho qualificada, altamente produtiva, graças ao método e recursos empregados. Disso não decorrerá apenas a diversificação e a melhoria dos salários, como também o surgimento de um mercado de consumo interno mais amplo e estável.

Para estudos, o incentivo fiscal lembrado, poderia partir das seguintes bases: 1 — O Imposto de Renda (cédula C) seria totalmente revisto; 2 — Não serviria para tantos outros fins, que não os tributários, o que o torna inacessível à compreensão da esmagadora maioria dos proprietários, arrendatários e parceiros rurais; 3 — Havendo contabilidade no nível desejado, — instrumento primordial para uma gerência adequada — gozaria o declarante dos seguintes benefícios fiscais: (a) O imposto de renda não excederia de 20% sobre o lucro (deveria começar de 10%) e não seria adicionado à renda tributária progressiva, caso houvesse. O imposto seria, portanto, nesse caso, só o cedular, não se aplicando essa vantagem à agro-indústria; b) A escrita poderia ser, como agora, simplificada, considerando-se como despesa de custeio todas as aquisições de qualquer natureza para aparelhamento e exploração da propriedade; c) Algumas dessas aquisições de maior significação para o progresso agropecuário, mas não todas, figurariam como custeio e, ainda, como investimento, para o fim único de gozarem dos benefícios prescritos na legislação vigente; d) Seria revista a lista atual dos investimentos beneficiados; e) Tal como na lei atual, as propriedades com área acima de determinado limite, que poderia ser revisto anualmente para correção da inflação, seriam obrigados à escrita mais completa, inclusive com balanço patrimonial, o que no momento é quase impossível, dada a tremenda carência de contadores rurais; e f) As empresas ou pessoas físicas estrangeiras que queiram repatriar seus lucros, poderiam merecer estudos mais aprofundados.

Caso esse pronunciamento mereça a atenção dos órgãos do Governo Federal incumbidos deste assunto, coloca-se esta SNA inteiramente ao seu dispor para debatê-lo e colaborar para que tenha solução mais condizente com os altos interesses do nosso país.

A mais antiga e moderna revista agrícola
do Brasil
Circula desde 1897

Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores.

ANO LXVII – MARÇO/ABRIL
Nº 2

"A LAVOURA" – Fonte de informações
da AGRIS – Sistema internacional de
informações para ciências agrícolas e
tecnologia (FAO-IICA-CIDIA).



Diretor-Responsável
CARLOS ARTHUR REPSOLD
Engenheiro-Agrônomo

COMISSÃO TÉCNICA
Rufino D'Almeida Guerra Filho
Luiz Guimarães Júnior
Charles F. Robbs
Jaime Lins

COLABORADORES DA SNA

Geraldo de Oliveira Lira. . . (Chefe da Secretaria)
Sylvia Maria da Franca. . . (Bibliotecária-Chefe)
Carlos Alberto Soares (Publicidade)
Jacira Rocha de Araújo
 (Assistente de Secretaria)
José Marques Sarabanda . . . (Correspondente)
Martha Nise R. de Brito
 (Protocolista-Arquivista,
Nilmar Camargo Amaral (Datilógrafo)

EXPEDIENTE

Redação e Administração:

AV. GENERAL JUSTO, 171 - 2º and.
- ZC 39 - GB
CAIXA POSTAL: 1245 - RIO - GB
FONES: 242-2981 - 242-7950

REPRESENTANTES:

PORTUGAL: TROFA - João Correia; SÃO
PAULO: REVESPE (Rua Capitão Salomão, 40-
1003 - SP; EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS
(GB, RJ, MG, ES); José Duarte de Araújo

U LÓS
Editora Ltda.



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

(Fundada em 16-1-1897)

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Presidente: LUIZ SIMÕES LOPES
1º Vice-Presidente: FLÁVIO DA COSTA BRITTO
2º Vice-Presidente: KURT REPSOLD
3º Vice-Presidente: GILBERTO CONFORTO
4º Vice-Presidente: JOÃO BAPTISTA LUZARDO
1º Secretário:
2º Secretário: SUBAEL MAGALHÃES DA SILVA
3º Secretário: CARLOS INFANTE VIEIRA
1º Tesoureiro: JOAQUIM BERTINO DE MORAES
CARVALHO
2º Tesoureiro: OTTO FRENSEL
3º Tesoureiro: JOÃO CARLOS FAVERET PORTO

DIRETORIA TÉCNICA:

1 - JALMIREZ GUIMARÃES GOMES	9 - FLÁVIO AURÉLIO WANDECK
2 - ARY CARLOS XAVIER VELLOSO	10 - RAFAEL LINO SOUTO MAIOR
3 - CARLOS ARTHUR REPSOLD	11 - FAUSTO AITA GAI
4 - FREDERICO MURTINHO BRAGA	12 - ROMULO CAVINA
5 - LUIZ GUIMARÃES JUNIOR	13 - RUFINO D'ALMEIDA GUERRA FILHO
6 - ARMANDO DAVID FERREIRA LIMA	14 - PAULO AUGUSTO PEREIRA DE CARVALHO
7 - CHARLES FREDERICK ROBBS	15 - MURILO PESSOA
8 - JOÃO DE SOUZA CARVALHO	

COMISSÃO FISCAL:

EFETIVOS:

1 - AMARO CAVALCANTI
2 - ARNALDO GOMES DE MELLO
LEITÃO
3 - JOSÉ CARLOS FERREIRA
CAMPELO

SUPLENTE:

1 - SYNDORO CARNEIRO DE
SOUZA
2 - CELSO GALVÃO CALDAS
3 - JOÃO CARLOS DE PETRIBU
DE CARLI

SÓCIO REPRESENTANTE EM PORTUGAL: Dr. Domingos Rosado Victória Pires

Nossas Capas

1ª Capa

1

Reprodutor Gir leiteiro - "XOPOTÓ" descendente de Hazan e Flórida, é integrante da Faz. Capela de S. Judas Tadeu - Casemiro de Abreu - E. do Rio de Janeiro.

Azulão - JA - Reprodutor Guzerá de propriedade do Dr. Tobias Kant Rother - Faz. da Barra - Município de Além Paraíba - Minas Gerais.

3

Doutrina de MADRAS - Fazenda Madras - Casemiro de Abreu - RJ - Novilha nelore mocha (mojada).

4ª Capa

Cultura do Inhamé no Estado da Guanabara - Propriedade de Angelo Ioshida - Reta do Rio Grande - Santa Cruz.

Defesa do meio ambiente



NO EDITORIAL DO NÚMERO NOVEMBRO/DEZEMBRO PRÓXIMOS PASSADOS DESTA REVISTA FOI FEITO UM COMENTÁRIO SOBRE A CRIAÇÃO DA SECRETARIA DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE, ALIÁS DE PLENO APOIO, E ANUNCIAMOS O PROPÓSITO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA DE PROMOVER UM SIMPÓSIO DEDICADO AO DEBATE DOS PROBLEMAS ORIENTANDO À POLUIÇÃO DO AR, DAS ÁGUAS E DO SOLO, EM NOSSO PAÍS.

MUITAS FORAM AS MANIFESTAÇÕES DE APLAUSO RECEBIDA PELA INICIATIVA. DENTRE ESTAS DESTACA-SE A DO ILUSTRE E RENOMADO TÉCNICO BRASILEIRO, DR. ÁLVARO BARCELOS FAGUNDES, QUE, MODESTAMENTE, DECLARA ESTAR PRONTO A COLABORAR, – “APESAR DE MINHAS LIMITAÇÕES, QUE SÃO MULTIPLAS” –

HÁ, TODAVIA, NECESSIDADE DE PROGRAMAR AS MEDIDAS INDISPENSÁVEIS À REALIZAÇÃO DO SIMPÓSIO ACIMA REFERIDO, QUE O ASSUNTO TENHA MAIOR REPERCUSSÃO, DESPERTE MAIS INTERESSE E ENSEJE AMPLO DEBATE E, ATÉ MESMO, POLÊMICA.

POR ESTA RAZÃO, DAMOS PUBLICIDADE, A SEGUIR, DE DOIS TRABALHOS, QUE PELA FEITURA E IDÉIAS EXPOSTAS DÃO LUGAR A REPAROS, MELHORES EXPLICAÇÕES, INCLUSIVE CONTESTAÇÕES, TRATANDO-SE DE APLICÁ-LOS AO NOSSO AMBIENTE PÁTRIO.

COM ISSO, PROCURAREMOS ESTIMULAR OS ESTUDIOSOS DA MATÉRIA, LEVANDO-OS A SE MANIFESTAREM, MANIFESTAÇÕES ESSAS QUE, PRAZEROSAMENTE, DAREMOS AMPLA PUBLICIDADE.

A natureza é a nossa cultura

(Do discurso do General Mobutu Sese Seko, Presidente da República de Zaire, na abertura do Congresso do Partido Nacional, em 20 de maio de 1972.)

O subdesenvolvimento tem as suas vantagens. Podemos nos alegrar em especial por não termos cometido alguns erros que as nações "desenvolvidas" amargamente deploram.

Não temos complexo de inferioridade por não podermos mostrar aos nossos visitantes, catedrais e outros altos monumentos arquitetônicos.

Porque a herança que nos legaram os nossos antepassados, é a beleza natural do nosso País. São os nossos rios caudalosos e cursos d'água, nossas florestas, nossas montanhas, nossos animais, nossos lagos, nossos vulcões e nossas planícies. Numa palavra: A Natureza é a parte integrante, inseparável e real, do nosso ser peculiar.

Por isso recusamo-nos a seguir cegamente o caminho dos países "desenvolvidos" que querem a produção a qualquer preço. A produção bruta, com frequência, realmente embrutece, no sentido espiritual.

Acreditamos consistir a nossa tarefa principal em dirigir os 21,5 milhões de cidadãos e cidadãos de Zaire de modo que vivam em paz e felizes.

Não cremos que a paz e a felicidade dependam do número de carros na garagem, das antenas de televisão no telhado ou do volume de barulho nos ouvidos, que os técnicos argutos denominam de "ainda suportável".

Quem não conhece a sabedoria do velho lavrador em sua aldeia, que cresceu e trabalha na quietude da Natureza? E quanto sofrimento humano vemos, provocado pela irritabilidade e agressividade nos países intensamente industrializados; elas impregnam a alma e o corpo do indivíduo.

Nós, cidadãos de Zaire lemos horrorizados que numa cidade como New York o habitante com 25 anos de idade começa a ficar meio surdo. A um lavrador acontece isso só lá pelos setenta,

portanto no período de vida em que a paulatina diminuição do barulho no mundo exterior torna possível a concentração interior — um ensimesmamento esse que ao mesmo tempo prepara o último período da existência terrena.

Que adianta possuir inúmeras fábricas, se as suas chaminés dia e noite despejam em cima de nós as suas substâncias tóxicas e embora ricos, andaríamos com uma máscara contra gases no nariz e acabaríamos esmagados pelo fardo da nossa própria riqueza.

Não desejamos possuir nenhuma dessas indústrias deletérias que com seus detritos matam os peixes dos nossos rios e privam o homem da alegria de pescar ou mesmo simplesmente do do prazer de beber a água potável.

Muito bem conhecemos o contra-argumento de que onde grassa a poluição cresce também a indústria de combate à poluição — como flores num monte de esterco. Mas já que o veneno exige o contraveneno, não compreendemos nós, cidadãos de Zaire, que prazer pode proporcionar o fomento da poluição só para depois fabricar os antídotos.

Porque não devemos preferir a priori os benefícios da vida natural, quando ficamos sabendo que os pensadores das próprias sociedades industriais pretendem abandonar a ambição pelo produto social bruto, máximo possível — em favor do verdadeiro bem-estar nacional?

Portanto, dificilmente causaremos aos Senhores surpresa, ao incrementarmos nossos esforços no sentido de tornar Zaire — nosso formoso país, um Paraíso da Natureza.

Não vamos matar jacarés para fabricar luvas, sem promover previamente, estudos de comportamento na biologia desses sáurios, notadamente no caso de começarem a se tornar raros. Tampou-

co permitiremos a um turista visitar sem guia os nossos parques nacionais e se desviar de automóvel das estradas de rodagem. Pois queremos que haja no Zaire um refúgio onde os homens possam encontrar a Natureza intacta ainda quando os cientistas tiverem transformado o mundo dos organismos naturais num produto técnico artificial! Nós protegemos as nossas águas e em particular o rio Zaire, porque nem uma posterior despoluição de um rio completamente poluído lhe restituiria a sua pureza e virgindade originais.

Quando nós próprios assim nos comportamos, exigimos que todo mundo aja da mesma forma, porque alguns danos são transferíveis. Hoje em dia não basta mais varrer na frente da própria porta para se estar seguro contra a imundície. Quando as firmas erigem em determinados lugares chaminés altíssimas, contando com as condições de ventos para espalhar os gases venenosos, na realidade empurram a sua imundície para o lado dos vizinhos.

As precipitações das bombas atômicas que explodem na atmosfera, não se distribuem no sentido vertical. E tem que ser contaminada por elas a pobre gente que nada tem a ver com tudo isso?

Em tudo isto pensamos, ao pregar-mos sobre a genuinidade africana — a Natureza pura de Zaire.

Realço aí a nossa genuinidade africana. Quero deixar claro que temos no entanto que aceitar o conceito de "desenvolvimento", mas filtrando-o segundo nosso próprio modo de pensar e os nossos próprios conceitos de valores.

Pois os países jovens com demasiada frequência manifestam a tendência de imitar servilmente os países capitalistas ou socialistas ou então, viver segundo os dogmas ideológicos.

Nós cidadãos de Zaire reservamo-nos o direito de escolher no meio de todas essas possibilidades o caminho que nos parece o mais sensato, mas com condições de submetê-lo aos nossos próprios valores culturais.

Neste sentido vamos prosseguir e por sinal por tanto tempo até que nos seja provado com certeza não terem esses dois grandes sistemas, os quais alegam poder regular a existência toda, enveredado por nenhum caminho errado.

Por isso temos que criar nós pró-

prios o nosso modelo de sociedade que corresponda somente a nossas aspirações.

Está claro, que também nós procuramos o crescimento econômico. Mas sabemos também realizá-lo da maneira humana e adaptá-lo a nosso modo de pensar. Queremos dotá-lo de uma sensibilidade pela Natureza, sem que o progresso econômico mais cedo ou mais tarde acarrete a decadência do homem.

Aqueles que se encontram na fase de industrialização estão correndo, constantemente, o perigo de empobrecerem e de se desnortear em vários rumos. Talvez amanhã a riqueza de um povo seja medida pelo seu empenho a favor da conservação da Natureza, do seu ambiente natural. Numa palavra; pela capacidade de conseguir conservar a sua própria alma.

Em 1960 só 1% da superfície de Zaire era constituído por parques nacionais (3 parques). Em 1970 foram 3,5% (7 parques). Entre 1972 e 1975 15% do país tornar-se-ão parques nacionais, através da criação de 10 a 15 parques nacionais novos, em que a Natureza será protegida integralmente e nenhuma atividade humana poderá ser exercida.

Traduzido da revista Das Tier, Vol. 13, n 97, 1973.
Frankfurt a.M.



MARBAS - Sociedade Comercial Avícola Ltda.

Avicultura — Agricultura — Pecuária —
Piscicultura — Cunicultura — Veterinária —
Horticultura — Pássaros — Animais Silvestres — Cerâmica em geral —
Artefatos de ferro — Artigos para cães —
Plásticos e todos os artigos concernentes ao ramo

MARBAS

ENG. NOVO

Rua Barão de Bcm
Retiro, 47
Tel.: 261-6154

MÉIER

Rua 24 de Maio,
1309
Tel.: 281-5419

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil

Poluição do solo

Um dos problemas ocasionados pelos modernos inseticidas refere-se aos resíduos de solo. Não se trata de um problema novo, mas do agravamento de uma situação que já vem sendo observado há muito tempo.

No começo deste século, os norte-americanos já se preocupavam com as consequências do emprego de defensivos em larga escala. Em 1930, as pesquisas mostraram que os solos das áreas de fruticultura intensiva nos Estados Unidos já apresentavam acúmulo acentuado de resíduos de arsênico, observados até a profundidade de 20 cm. Com o aparecimento dos inseticidas clorados, de alta persistência, o problema poderia tornar-se crítico, preocupando seriamente os pesquisadores com relação à poluição do solo.

Mau gosto

O problema mais grave, entretanto, trazido pelos inseticidas de solo é aquele referente à germinação das sementes e a emergência das plantas, ou, ainda, a alteração do gosto e do cheiro de alguns produtos.

Pode-se citar, neste último caso, o BHC, que prejudica a batata, amendoim, hortaliças, etc, não sendo, por isso, recomendado para solo, com exceção da cana-de-açúcar.

Outros produtos também podem afetar seriamente a germinação e o desenvolvimento normal de certas plantas: o DDT, por exemplo, é altamente tóxico às cucurbitáceas (abóbora, melão, pepino, etc), alguns feijões e outras plantas, não devendo ser empregado no tratamento de solo, apesar de sua eficiência.

Os clorados comumente usados, apresentam ação variável, dependendo de fatores diversos, como temperatura do solo, chuvas, teor de matéria orgânica, textura, etc.



A alta temperatura contribui para uma rápida decomposição; as chuvas provocam o carreamento para as partes mais profundas do solo, além de provocarem o desaparecimento por reações químicas; a matéria orgânica decompõe os produtos e, quanto maior o teor, mais rápida a decomposição; a textura tem também grande influência e os solos mais argilosos mantêm o inseticida por mais tempo.

Combate à poluição

Ensaio realizados na Estação Experimental de Rothamsted, na Inglaterra, deram conta de que a persistência média dos clorados, no solo, é de 10 anos para o DDT, 8 anos para o dieldrin, 6, 5 anos para o lindane, 4 anos para o clordane, 3, 5 anos para o heptacloro e 3 anos para o aldrin.

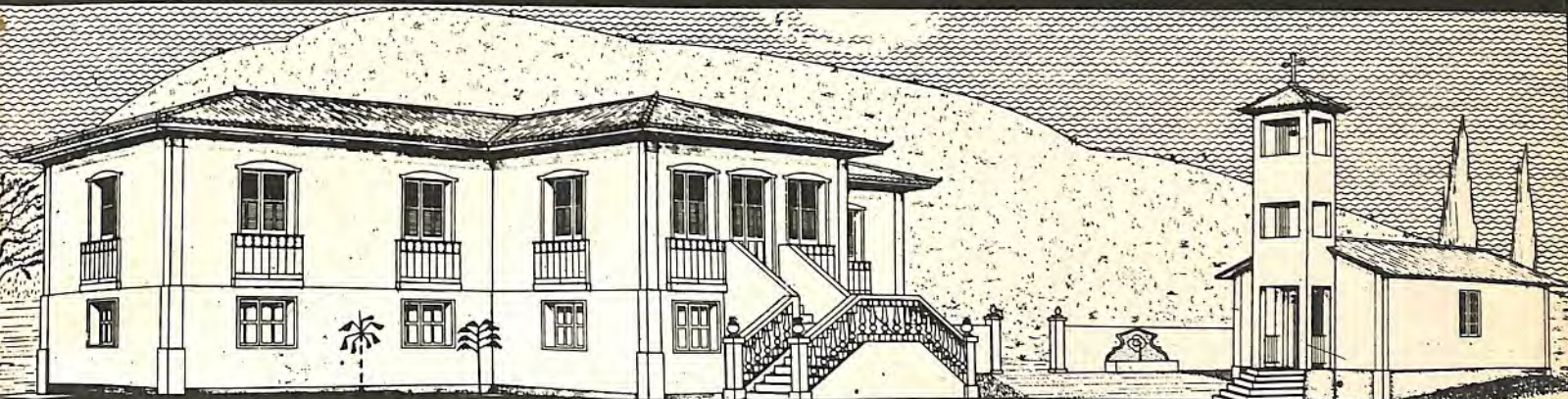
Em muitos países, esses clorados de

solo vêm sendo substituídos por inseticidas fosforados, tanto na forma de pó como granulada, tendo-se em vista o problema de acúmulo nos solos, combatendo-se assim a poluição ambiental.

Entre os fosforados de maior emprego, estão sendo preferidos os parathions (folidol), o Disyston granulado, sistêmico e, mais recentemente, o Teracur P gran. 5%, também com ação sistêmica, além de boa atividade nematocida.

Esses fosforados mostram excelente ação contra muitas pragas subterrâneas, como bicho-aramé, percevejos, bichobolo, paquinhos, etc. Em trabalhos recentes em algumas culturas, como batata-doce, amendoim e outras, esses fosforados mostraram eficácia igual à dos clorados, superando-os em alguns casos.

FAZENDA CAPELA DE SÃO JUDAS TADEU



Proprietário: Engenheiro Agrônomo JOÃO BUCHAUL

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Entre as Estações de Rio Dourado e Professor Souza
Casimiro de Abreu — Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:

Avenida Atlântica, 3940 — apto. 702 — Copacabana — Tel. 247—8890



GIR LEITEIRO

O acasalamento de vacas mestiças com touros da raça GIR produz maior número de bezerros, possibilita maior lactação, o bezerro se contenta com menos leite e não há problemas de parto.

Além disso, todo criador experiente sabe que "campeiro não tira leite de vaca brava".



PUSHPANO KRISHNAGAR JAC
Campeão em diversas exposições
fluminenses e mineiras

CONSULTE-NOS PARA UM BOM NEGÓCIO

Arame farpado já era



Pastagem onde se vêem a cerca antiga, ainda não retirada, e a cerca de arames lisos.



Piquetes de braquiara já com a cerca de arames lisos, que está sendo utilizada para gado de leite e corte.



O mesmo piquete com a cerca em realce.

Motivados pelos constantes aumentos dos custos dos materiais utilizados na agropecuária, os técnicos e fazendeiros têm procurado encontrar soluções mais baratas para as suas demandas. O preço da madeira e do arame farpado vem se elevando de tal maneira que o Dr. Tobias Kant Rothier pecuarista e proprietário da Fazenda da Barra Além Paraíba — Minas Gerais, resolveu adotar a técnica de piquetes com arame liso. Ele observou esta técnica na fazenda do Sr. Garibaldi Arantes, criador de gado nelore em Araçatuba — São Paulo. Os vizinhos do Sr. Garibaldi já a estão usando com bastante sucesso.

A revista "A LAVOURA" logo que tomou conhecimento do assunto, foi à fazenda da Barra para documentar a implantação das cercas com arames lisos e balancins.

O arame que está sendo utilizado é o liso (oval) 9 x 11 milímetros.

São moirões de Braúna de 20 em 20 metros, tendo entre eles balancins na distância de 1,5 por 1,5 metros. Esses balancins, são réguas que podem ser inclusive de madeira branca por não estarem presos no chão, servindo apenas para manter constante a distância entre os fios de arame.

Os arames deverão ficar a uma distância de 30 centímetros entre si e a 30 centímetros do chão.

Os esticadores em terreno não plano devem ficar a uma distância máxima de 100 em 100 metros. Em terrenos planos essas distâncias podem subir para até 250 metros.

De 100 em 100 metros deve ser colocado um pára-raio, que consiste no seguinte: um fio de arame que passando pelos 4 fios da cerca, tem uma das extremidades enterrada a 1,5 metro de profundidade e amarrado em um ferro com aproximadamente 0,50 metro.

As peças esticadoras, como mostra a foto, são vergalhões perfurados e tem uma trava que pode ser retirada no momento de se esticar os arames. A operação de aperto pode ser feita com uma chave de roda de carro.



Maneira como são presos os balancins no arame.



O Dr. José Carlos Campelo do Banco do Brasil e o Dr. Tobias e seu filho mostrando que a cerca aguenta bastante impacto e peso.



O Dr. Tobias mostrando a trava de um dos esticadores.



Esticadores.

Bakanae do arroz

Eng^o Agr^o Jurandyr de Andrade Frattini — Campinas, SP

O bakanae do arroz é uma doença que foi constatada há poucos anos infectando arrozais de Pindamonhangaba, Lorena e Guataporã, em São Paulo.

Causada pelos fungos *Giberella Fijikuri* e *Fusarium*, essa doença pode ocorrer em qualquer estágio de desenvolvimento das plantas, sendo suas manifestações diferentes, conforme o tipo de cultura. Em culturas irrigadas, por exemplo, nota-se que as plantas apresentam um crescimento exagerado, um verdadeiro gigantismo, contrastando muito com as plantas normais. Já nas culturas de arroz de sequeiro as plantas se mostram pequenas (nanismo), com porte bem menor do que as plantas normais.

Morte precoce

Diversos fatores como sementes, solos úmidos, temperaturas elevadas, suscetibilidade das variedades e adubação nitrogenada podem concorrer para a incidência da moléstia.

Nas plantinhas, a infecção tem início no caulículo que começa a se alongar exageradamente, atingindo o dobro das plantas normais. Observa-se ainda o apodrecimento do colo, sobrevivendo a morte após 20 a 30 dias da semeadura.

Nas plantas adultas a doença surge ao nível do primeiro entrenó. O fungo pode atingir a bainha das folhas, processando-se posteriormente um crescimento exagerado das plantas.

Quando a doença se verifica em estágio avançado de desenvolvimento da planta, as panículas não chegam sequer a emergir das bainhas e os poucos grãos que se formam são pequenos e de cor escura.

As plantas atacadas passam a se constituir em focos de infecção dentro das culturas, disseminando, através do vento, esporos da moléstia para as plantas sadias. Estas, embora não apresentando sintomas da doença, podem disseminá-la através das sementes.

Como evitar

O tratamento das sementes mostra-se muito eficiente, devendo constituir

prática rotineira para o produtor de arroz. Esse tratamento deve ser feito com o emprego de um fungicida orgânico-mercurial como a neantina seco que, além de sua ação imunizadora, aumenta o índice de germinação e a força vegetativa das plantas. Usa-se cerca de 300 gr. do produto para cada 100 kg de semente. Além desse tratamento outra providência também deve

ser tomada: evitar a utilização de mudas vindas de sementeiras onde se constatou a ocorrência da doença.

As sementes de arroz providas do Vale do Paraíba e de Guataporã têm trânsito proibido, caso não haja certificação oficial de que provêm de culturas comprovadamente sadias bem como tenham sido tratadas com o fungicida recomendado.

**Na falta
de uma
leve a outra.**
qualidade Moinho Fluminense

FARINHA DE TRIGO PURA



FAVORITA

MARCA REGISTRADA

Peso Líquido 1 kg

PARA USO DOMÉSTICO



Moinho
Fluminense S.A.
INDÚSTRIAS GERAIS
FUNDADO EM 1987
FABRICA

FARINHA DE TRIGO PURA

Peso Líquido 1 kg



MARCA REGISTRADA
ESPECIAL PARA USO DOMÉSTICO



Moinho
Fluminense S.A.
FUNDADO EM 1987
FABRICA

MOINHO



LUMINENSE S. A. INDÚSTRIAS GERAIS

FABRICA: RUA SACADURA CABRAL, 280/290 - RIO DE JANEIRO - GB.

Um instante em que, só para o aumento das despesas de importação de petróleo e trigo, vamos ter de gastar mais de 3 bilhões de dólares, vai ser dura a missão do Governo Geisel de reconstruir a agricultura brasileira, arrastada por confiscos cambiais, tabelamentos, ineficiência ferroviária e portuária, dumping, suspensão de exportações, ameaças de revisões nas declarações de imposto de renda, elevação do imposto territorial, dos adubos, do arame farpado, dos inseticidas, do diesel, e por irritantes distorções, como as inúmeras que atropelam o Crédito Rural.

Não fora a espetacular reação do mercado mundial para matérias primas, com os preços do algodão, suco de laranja, açúcar e café compensando toda a sorte de desestímulos, o que veio permitir, a despeito de tudo, que o Brasil tomasse o primeiro lugar na produção mundial de açúcar, e o 2º na de soja e suco de laranja, o caos seria a resposta à absurda política agrícola que levou Cirne Lima, um bom ministro, a demitir-se, para não compactuar com o absurdo.

Felizmente, na área do planejamento (e aí o Presidente Geisel conservou o único ministro) o Governo Médici marcou pontos, com o Funrural, o Proterra, o Condepe e o Prodoeste.

Mas o drama é que o Brasil, que poderia crescer em ritmo de 10% também na área da produção agrícola, ficou mesmo na faixa dos 4,5%, porque a agricultura foi esmagada pela política de inflação comprimida. O resultado foi acontecer o que qualquer futurólogo, há dez anos, jamais ousaria prever: o Brasil, que tem o maior potencial mundial para produzir café, carne, feijão, leite, alho ou cebola, passou a importador desses produtos, numa guerra contra a realidade dos preços internacionais compensadores. . . e preços internos aviltados. . .

Se os portos de Paranaguá e Rio Grande foram melhorados, os demais continuam desvalorizando os produtos, com instalações deficientes. No momento, há filas de navios no porto do Rio.

As ferrovias continuam inúteis, aviltando os preços no interior, porque o caminhão, muito mais caro e muito mais eficiente, teve de transportar mercadorias que num mundo moderno só se transporta sobre trilhos.

Agricultura o "Milagre" que não houve

Comentário José Resende Peres.

O sistema de assistência técnica que, no período Cirne Lima — Aloisio Campelo, vinha expandindo-se promissoramente, foi desarticulado criminosamente, com a atual Diretoria da ABCAR sem verbas para agir.

A escassez planejada

Quem não acreditar em Planejamento Econômico, pode mudar de idéia. Para isto, vá ver as filas diante dos supermercados, como se o Brasil estivesse em regime de guerra. Vá ver o déficit de leite em São Paulo, com cerca de 350 mil litros diários, em plena safra. Vá comprar óleos comestíveis, para ver o resultado do "contingenciamento" na produção de soja. Vá analisar a escassez de trigo, forjada com preços mínimos ridículos, que só agora conservaram. Vá ver as pastagens praguejadas, porque o preço do leite e da carne não permitem reinvestimentos nas fazendas.

E, se entrar na área do Crédito Rural, verá que, embora tenha crescido, continuou com falhas inacreditáveis,

como exigência de avalistas simultaneamente com penhor; com prazo de dois anos, principalmente na área da Res. 69, para comprar bezerras que, no vencimento da cédula, nem entram em cio; com financiamento de apenas 50% para compra de caminhões e camionetas, que transportam divisas, quando os automóveis, que a consomem, têm até cinco anos de financiamento total.

Os adubos continuam difíceis, falsificados, a despeito de num ano terem subido 150%. Faltam tratores e pneumáticos para máquinas agrícolas. Há falta de vacinas, mas a vacinação é obrigatória. Nos campos, os que produzem os alimentos estão subnutridos, porque têm de mandar seus produtos a preços aviltados para não atrapalhar a taxa de inflação, construída sobre sonhos, dentro da filosofia do "milagre". . . mas altamente sensível aos 48,6% de aumento das emissões, só em 1973.

O GLOBO NO CAMPO

UM SIMBOLO

ABIL

DE TRADIÇÃO

**AGRICULTURA
e JARDINAGEM**

**AVICULTURA
e PECUÁRIA**

**DROGARIA
VETERINÁRIA**
(p/pequenos e grandes animais). A mais completa da cidade.

Distribuidora exclusiva dos Nutrientes
"PURINA"
ABIL AGRO COMERCIAL Ltda.

MATRIZ: R. Buenos Aires, 87 — Tels. 252-7527, 232-2408
Cx. Postal 21.209

FILIAL: R. Prof. Castilho, 151, Tel. 394-1068 — Campo Grande

Durante séculos, o sucesso da agricultura e da horticultura dependeu em grande parte da arte e do julgamento individual do cultivador e sua irrigação foi sempre feita através de métodos práticos. Mas, recentes experiências de irrigação de semeaduras sob condições controladas de estufa indicaram os caminhos pelos quais a irrigação pode transformar-se numa ciência muito mais exata.

As balanças provaram que as plantas que crescem em caixas, fazem depender a sua absorção de água da irradiação solar, caindo sobre elas. Da mesma forma que o tamanho da folha aumenta com o tempo, a taxa do uso de água também aumentará a qualquer nível determinado de radiação solar, a taxa de perda continuará à medida que a planta se desenvolver até atingir a completa cobertura do solo. Depois disso, a taxa de perda depende principalmente da quantidade de energia solar caindo sobre a planta dentro da estufa.

AJUSTES AUTOMÁTICOS

A quantidade de energia solar recebida pelas plantas será obviamente maior durante os longos dias de verão e em períodos de sol mais forte, menor em dias com nuvens e mais curtos. O uso de aquecimento artificial também afeta a transpiração e a perda de água, mas isso é de menor significado.

A partir disso, foi possível aos cientistas estimarem com muita exatidão as precisas exigências das plantas mais

Métodos científicos de irrigação para estufas

Por Bryan Platt

comerciais a cada estágio de crescimento sob vidro, em condições britânicas. A época do ano e a força do sol também foram levadas em considerações.

Foi criado um equipamento eletrônico que ajusta automaticamente o grau de umidade às exigências de água das plantas, assim como a temperatura e a ventilação, em relação com a luz existente. Este Controle Modulado de Luz dirige de forma automática a energia solar em estufas contendo plantas diferentes e em diversos estágios de crescimento.

UMA ADAPTAÇÃO

Os sistemas suspensos de irrigação distribuem a água como se fosse chuva. Esses sistemas são usados em algumas estufas mas têm a desvantagem de uma distribuição circular e são menos efi-

cientes quando é exigida uma dose uniforme de água, como é o caso em estufas de plantio intensivo.

Os sistemas de solo são adaptações da irrigação suspensa ou aparelhos para a distribuição de água na superfície do solo, através de saídas que abastecem separadamente cada planta.

Uma adaptação do princípio suspenso é um conduto de plástico colocado na superfície do solo. Cada tubo é perfurado de forma que os jatos de água subam em ângulos diferentes, cobrindo áreas paralelas de solo com uma chuva fina.

"IRRIGAÇÃO DE FIO DE ÁGUA"

A "irrigação de fio de água" consiste de um arnês de tubos flexíveis com pequenos orifícios e bocais a intervalos regulares, de acordo com as plantas. É usado um fio muito baixo de água e os vários tipos de bocais empregados destinam-se a proporcionar o mesmo fluxo de água de cada saída sem levar em conta o tamanho da estufa e, conseqüentemente, da tubulação.

O método mais preciso de irrigação é provavelmente o que nasce em baixo. Ele é conhecido como sub-irrigação ou irrigação capilar, já que o meio em que as plantas crescem está em permanente contato com um canteiro de areia mantido continuamente úmido. Isso forma um reservatório de umidade do qual a planta retira o seu sustento.



Aplicação de fertilizante solúvel através de tubulação colocada ao nível do so

EXIGÊNCIAS BÁSICAS

As exigências básicas para esse sistema consistem simplesmente num canteiro coberto com um lençol de polieteno sobre o qual é colocada uma camada de areia grossa. As mudas em crescimento são colocadas sobre esse canteiro, em vasos. Uma adaptação do sistema de fio de água é usado para encharcar diretamente a areia ou para ser usado por baixo, através de orifícios no lençol de polieteno.

A irrigação precisa das plantas também é essencial para o desenvolvimento de duas novas técnicas que estão se tornando uma prática comercial comum na Grã-Bretanha — salas de crescimento e vaporização.

As salas de crescimento são usadas para os primeiros estágios de crescimento das mudas ou para semeadura em caixas individuais, ambos em ambientes totalmente controlados. Isso exige o uso de iluminação artificial em vez da natural e, em tais condições, as taxas de evaporação e transpiração são mais altas do que em estufas convencionais, tornando-se vital um fornecimento adequado de água.

Tanto os sistemas capilares como os suspensos são usados, mas os primeiros têm a desvantagem de criar sais na terra e isso pode afetar seriamente o crescimento das sementes novas. Esse problema pode ser vencido por irrigações suspensas periódicas, que levarão os elementos nutritivos acumulados para as camadas mais baixas do solo.

RESULTADOS ESPETACULARES

Ainda que o sistema de irrigação suspensa evite tal problema, ele tem a desvantagem da falta de uniformidade na cobertura de umidade e, em geral, os sistemas produtores de vaporização usando altas pressões de água e aberturas minúsculas nos bocais, estão sendo considerados muito mais satisfatórios.

Esta técnica de vaporização é a base dos modernos métodos de propagação. A descoberta, há alguns anos atrás, de que galhos cortados de quase todos os tipos de plantas, podem ser levados a deitar raízes rapidamente se a sua folhagem é mantida sempre fresca com uma fina camada de água, praticamente revolucionou a antiga arte de reprodução agrícola.

O uso com sucesso de uma vaporização contínua, pode aparecer que é de importância só em climas muito secos e quentes. Em todos os outros casos, uma vaporização intermitente é exigida para limitar a quantidade de precipitação. O objetivo é manter as plantas frias pela evaporação da água, da superfície das folhas e para substituir essa mesma água a intervalos curtos, sem jamais produzir um excesso de umidade. A evaporação encontra-se em constante mudança e já foram criados alguns mecanismos de controle muito sofisticados, que proporcionam a quantidade certa de água na frequência exata.

CONTROLE CERTO

A propagação da vaporização é uma técnica simples que pode ter resultados

dramáticos, já sendo a mais usada na maioria dos esquemas de irrigação. Os agricultores, porém, se dão conta de que em salas fechadas de cultivo, nas estufas de ambiente controlado e mesmo nos túneis de polieteno, um controle exato da umidade e da qualidade da água usada é muito mais importante do que quando o plantio é feito ao ar livre.

No caso de estiagem, o sereno ou a umidade natural das camadas mais baixas do solo, fornecem pelo menos um pouco de água exigida pelas plantas. As culturas cobertas estão totalmente à mercê do agricultor e de sua capacidade de proporcionar a umidade certa nas quantidades e nas horas exatas.

Medicamentos

VORLOS

SANGUENOL

Fortificante. Com Sais de Cálcio e Fósforo. Vitaminas B1 e B2 e Lisina. Nutre e fortalece o organismo. Para crianças e adultos.

FLUXOSEDATINA

Regulador feminino. Alivia as dores. Normaliza as funções periódicas.

FIGATOSSE

Xarope contra a tosse. Magnífica ação expectorante e calmante. Para crianças e adultos.

HEPATINA
N. S. da Penha

Descongestiona o fígado. Melhora as funções digestivas. Facilita a drenagem da vesícula.

ELIXIR 914

Depurativo do sangue. Auxiliar no tratamento da sífilis e reumatismo da mesma origem.

À VENDA NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS.

Estação de Monta

Engº Agrº Claudionor Augusto
Assessor Regional da ACARES
em Colatina



Modernamente, a produção racional de bovinos de corte está na dependência da fixação de um período de nascimento de bezerros, o que se liga diretamente a um período de monta na propriedade.

A estação de monta objetiva a cobertura das fêmeas em idade de reprodução, através do isolamento dos reprodutores por certo período do ano.

Controlando a cobertura das fêmeas, disciplinamos os nascimentos de modo a se concretizarem em certo espaço de tempo, como também fica disciplinada a desmama, em período tecnicamente mais indicado para uma exploração racional em pecuária de corte.

A época tecnicamente mais vantajosa varia em níveis regionais, porque o ponto da criação a ser beneficiado com este manejo é a desmama que, por sua vez, deve coincidir com o início da estação chuvosa, isto acontecendo, o bezerro aproveitará toda a pastagem abundante na ocasião das águas, alcançando ótimo desenvolvimento, acompanhado do máximo em ganho de peso em troca

do alimento mais barato, que é a pastagem.

Experimentos já foram realizados — com ótimos resultados — objetivando a desmama no período acima citado: o bezerro chega a atingir um ganho de peso vivo da ordem de 140 quilos.

Propriedades que utilizam este manejo têm, tranquilamente, em regime de pasto, conseguido animais para abate em 30 meses.

Na região de Colatina alguns criadores, sob orientação técnica, já vem desenvolvendo tal tecnologia, visando alcançar os resultados mencionados.

O período de cobertura das fêmeas em idade de reprodução, dentro do contexto regional que se apresenta como o mais indicado, situa-se entre maio e setembro: os nascimentos ocorrerão de fevereiro a junho e, conseqüentemente, a desmama dar-se-á de setembro a janeiro.

O complexo climático entre maio e outubro abaixa o padrão nutritivo das pastagens, implicando na fertilidade,

idade de abate e na idade de primeira cria. Para contornar a situação, necessário se faz reservar pastos para essa fase crítica do ano.

Na utilização da estação de monta preconizada torna-se preciso, além dos pastos de reserva, a suplementação das matrizes com volumosos, que podem ser: verde picado, silagem, feno ou qualquer palhada existente na propriedade, para suprir as deficiências das matrizes na época já referida — maio à outubro —, pois elas têm que recuperar-se e amamentar os bezerros.

Em conclusão, a estação de monta na criação moderna de bovinos de corte é indispensável, pelas vantagens que oferece, quais sejam:

- Uniformização dos nascimentos;
- Uniformização da desmama;
- Simplificação de trabalho na propriedade;
- Dedução da idade de abate;
- Aumento do desfrute na propriedade.

ACARES

Calendário das Exposições no Brasil

ESTADO DA BAHIA

NOTÍCIAS NACIONAIS

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES E FEIRAS DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS PARA O ANO DE 1974

MUNICÍPIO	EXPOSIÇÃO	PERÍODO
Jequié Uauá Santana Bonfim	VI Regional III de Caprinos e Ovinos IX Regional IX Regional	19 a 26 de maio 21 a 23 de junho 7 a 14 de julho 15 a 18 de agosto

ESTADO DO CEARÁ

Nº	MUNICÍPIO	PERÍODO	MÊS	DENOMINAÇÕES
1	Jaguaribe	02 a 06	Julho	VIII Exposição Agropecuária
2	Morada Nova	09 a 13	Julho	V Exposição Agropecuária
3	Crato	20 a 27	Julho	XV Exp. Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados
4	Sobral	03 a 10	Agosto	XI Exposição Agropecuária e Industrial
5	Novas Russas	11 a 15	Agosto	II Exposição Agropecuária
6	Senador Pompeu	20 a 24	Agosto	VI Exposição Agropecuária

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
01	II	Exposição Agropecuária	S. José do Calçado	31/5 a 2/6	Municipal	Mista	SA-PM
02	XII	Exposição Agropecuária	Castelo	31/5 a 2/6	Municipal	Mista	SA-PM-SR
03	VII	Exposição Agropecuária	Muqui	22 a 24/6	Municipal	Mista	SA-PM
04	XXIX	Exposição Agropecuária	Cachoeiro do Itapemirim	23 a 29/6	Regional	Mista	SA-PM
05	VII	Exposição Agropecuária	Mimoso do Sul	14 a 16/7	Municipal	Mista	SA-PM
05	VII	Exposição Agropecuária	Afonso Cláudio	07 a 9/7	Municipal	Mista	SA-PM
06	XXIII	Exposição Agropecuária	Mimoso do Sul	14 a 16/7	Municipal	Mista	SA-PM
07	III	Exposição Agropecuária	Muniz Freire	21 a 23/7	Municipal	Mista	SA-PM
08	IV	Exposição Agropecuária	Alfredo Chaves	28 a 30/7	Municipal	Mista	SA-CL
09	IX	Exposição Agropecuária	Alegre	12 a 15/8	Municipal	Mista	SA-PM-SR

ESTADO DO ACRE

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
1	IV	Exposição Feira Agropecuária	Rio Branco	24/8 a 1/9	Estadual	Mista	MA-SA

ESTADO DE GOIÁS

DATA	MUNICÍPIO	NOME DA EXPOSIÇÃO
08/13 - Maio	ANÁPOLIS	XIX EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E III EXPOSIÇÃO REGIONAL DE ANÁPOLIS
22/02 - Maio/Junho	GOIÂNIA	II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE CAMPEÕES E XXX EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE GOIÂNIA
12/17 - Junho	IPAMERI	XVIII EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E II EXP. REG.; DE IPAMERI
26/01 - Jun/julho	FORMOSA	XXIV EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E IV EXPOSIÇÃO REGIONAL DE FORMOSA
10/15 - Julho	JATAÍ	X EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E II EXP. REG. DE JATAÍ
17/22 - Julho	JUSSARA	III EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E II EXPOSIÇÃO REGIONAL DE JUSSARA
31/05 - Julho/agosto	GOIANÉSIA	VI EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E II EXPOSIÇÃO REGIONAL DE GOIANÉSIA

ESTADO DO MARANHÃO

ORD.	CARÁTER	REGIÕES	Nº	MÊS	PERÍODO
01	MUNICIPAIS				
02	Imperatriz	Pré-Amazônia	VIª	Maio	26 a 02
	Bacabal	Cocais	IXª	Agosto	11 a 18
03	ESTADUAL				
	São Luiz	Litoral	XXIª		
			Estadual		
			XXIª	Julho	07 a 14
			Municipal		

ESTADO DO MATO GROSSO

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
01	XXXVI	Exposição Agropecuária e Industrial	Campo Grande	11 a 19/5	Regional	Geral	PM-SR-ACSMT
02	XIII	Semana do Fazendeiro	Poconé	18 a 22/5	Municipal	Mista	PM-SR-SA
03	II	Exposição do Cavalo	Poconé	18 a 22/5	Regional	Mista	MA-SA-PM-SR
04	VII	Pantaneiro	Aquidauana	26 a 31/5	Municipal	Geral	PM-SRU
05	XVIII	Exposição Agropecuária e Industrial	Cuiabá	9 a 13/6	Regional	Geral	ACN-MT-SA-SRU
06	XII	Exposição Agropecuária e Industrial	Paranaíba	4 a 8/7	Municipal	Geral	PM-SRU
07	VIII	Exposição Agropecuária e Feira de Amostras	Maracajú	17 a 21/7	Municipal	Geral	PM-SRU
08	III	Exposição Agropecuária e Feira de Amostras	Bela Vista	24 a 29/7	Municipal	Geral	PM-SRU

ESTADO DE ALAGOAS

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
01	I	Feira de Bovinos	Maceió	7 a 12/55	Estadual	Geral	ACA-MA

ESTADO DE MINAS GERAIS

CALENDÁRIO EXPOSIÇÕES, FEIRAS, FESTAS E CONCURSOS OFICIAIS DE 1974

Nº	Data	EXPOSIÇÕES NACIONAIS	MUNICÍPIO
1 - 2	3 a 10/5	16ª Exposição Nacional de Gado Zebu	Uberaba
EXPOSIÇÕES ESTADUAIS			
1	14 a 21/7	1ª Exposição Estadual de Gado de Corte	GOVERNADOR VALADARES
EXPOSIÇÕES REGIONAIS DE PECUÁRIA			
1	3 a 10/5	36ª Exposição Feira de Pecuária	UBERABA
2	30/5 a 2/6	20ª Exposição Regional de Pecuária	PEDRA AZUL
3	9 a 13/6	8ª Exposição Regional de Pecuária	BOM DESPACHO
4	11 a 16/6	3ª Exposição Regional de Pecuária	CAMPINA VERDE
5	3 a 7/7	2ª Exposição Regional de Pecuária	ABAIÉ
6	7 a 14/7	3ª Exposição Regional de Pecuária	MATIPÓ
7	10 a 14/7	2ª Exposição Regional de Pecuária	ÁGUAS FORMOSAS
8	14 a 21/7	5ª Exposição Regional de Pecuária	GOVERNADOR VALADARES
9	24 a 28/7	10ª Exposição Regional de Pecuária	MONTE CARMELO
10	24 a 28/7	7ª Exposição Regional de Pecuária	DORES DO INDAIÁ
11	25 a 28/7	9ª Exposição Regional de Pecuária	ALMENARA
12	26 a 28/7	4ª Exposição Regional de Pecuária	REZENDE COSTA
13	6 a 11/8	7ª Exposição Regional de Pecuária	ITANHANDU
EXPOSIÇÕES REGIONAIS AGROPECUÁRIAS			
1	26/5 a 2/6	7ª Exposição Regional Agropecuária	BARBACENA
2	31/5 a 5/6	29ª Exposição Regional Agropecuária	JUIZ DE FORA
3	2 a 7/6	5ª Exposição Regional Agropecuária	PIRAPORA
4	30/6 a 7/7	38ª Exposição Regional Agropecuária	LEOPOLDINA
5	3 a 7/7	10ª Exposição Regional Agropecuária	MONTES CLAROS
6	21 a 28/7	26ª Exposição Regional Agropecuária	CARANGOLA
7	4 a 11/8	38ª Exposição Regional Agropecuária	LAVRAS
8	4 a 11/8	5ª Exposição Regional Agropecuária	ALÉM PARAÍBA
FEIRAS DE ANIMAIS			
1	12 a 19/5	1ª Feira de Animais	SÃO JOÃO NEPOMUCENO
2	29/5 a 2/6	1ª Feira de Animais	DIVINÓPOLIS
3	30/5 a 2/6	1ª Feira de Animais	VOLTA GRANDE
4	4 a 7/7	1ª Feira de Animais	IBIÁ
5	10 a 14/7	1ª Feira de Animais	BAMBUÍ
6	25 a 28/7	1ª Feira de Animais	MORADA NOVA DE MINAS
7	1 a 4/8	1ª Feira de Animais	PEDRO LEOPOLDO
CONCURSOS DE PRODUÇÃO			
1	30/5 a 2/6	7º Concurso de Produção de Leite	VOLTA GRANDE
2	3 a 7/7	10º Concurso de Novilho de Corte	MONTES CLAROS
FESTAS AGRÍCOLAS			
1	22 a 26/5	Festa do Milho	PATOS DE MINAS
2	4 a 7/7	2ª Festa do Leite	IBIÁ
3	21 a 28/7	3ª Festa Estadual do Ovo	CAMBUQUIRA

ESTADO DO PARÁ

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
01	VI	Exposição Feira de Animais	Marabá	4 a 11/8	Municipal	Geral	ARPP-SA
02	VIII	Exposição Feira de Animais	Paragominas	25/8 a 1/9	Municipal	Geral	ARPP-SA

ESTADO DA PARAÍBA

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFI-CAÇÃO	CATEGORIA	PATROCI-NADORES
01	V	Exposição de Animais e Produtos Derivados	Patos	24 a 28/7	Regional	Mista	SAIC/ PREFEITURA

ESTADO DO PARANÁ

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFI-CAÇÃO	CATEGORIA	PATROCI-NADOR
01	X	Exposição Feira Agropecuária e Industrial	Curitiba	1ª quinz./5	Nacional	Geral	SA
02	—	Festa da Soja	Palotina	Maio	Municipal	Especial	PM
03	III	Exposição Agropecuária e Industrial	Maringá	2ª quinz./5	Nacional	Geral ;	PM
04	—	Exposição da Laranja	Cerro Azul	Junho	Municipal	Especial	PM
05	—	Exposição Agrícola	Uraí	Junho	Municipal	Geral	PM
06	II	Exposição Feira Agropecuária e Industrial	Toledo	2ª quinz./7	Regional	Geral	PM
07	V	Exposição Feira Agropecuária e Industrial	Francisco Beltrão	2ª quinz./8	Nacional	Geral	PM

ESTADO DE PERNAMBUCO

José de Souza Leal - Chefe da Seção de Exposição — D.P.A.

NÚMERO	MUNICÍPIOS	DATA
I	ARARIPINA (Exposição/Feira)	09 a 12.05
IV	SALGUEIRO (Exposição/Feira)	06 a 09.06
II	SERTÂNIA (Exposição Pernambucana de Caprinos e Ovinos	11. a 14.07

ESTADO DO PIAUÍ

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFI-CAÇÃO	CATEGORIA	PATROCI-NADOR
01	I	Exposição Feira Agropecuária	Corrente	16 à 19/5	Municipal	Mista	SA
02	XXIV	Exposição Agropecuária	Teresina	12 à 18/6	Estadual	Mista	SA
03	III	Exposição Feira Agropecuária	S. João do Piauí	25 à 28/7	Municipal	Mista	SA

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFI-CAÇÃO	CATEGORIA	PATROCI-NADOR
01	II	Exposição Internacional de Animais	Esteio	25/8 à 2/9	Internacional	Geral	MA-SA
02	—	Exposição Feira Agropecuária	Esteio	2ª quinz/8	Estadual	Geral	SA

TERRITÓRIO DE RONDÔNIA

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFI-CAÇÃO	CATEGORIA	PATROCI-NADOR
01	VI	Exposição Agropecuária Comercial e Industrial	Porto Velho	6 à 14/7	Estadual	Mista	MA-SA-ACR

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

N.º	DATA		DENOMINAÇÃO
1	2 a 5 de maio	X	Exposição Agropecuária de Miracema.
2	8 a 12 de maio	XI	Exposição Agropecuária de Itaperuna, XIII Concurso Leiteiro e IV Concurso de Produtividade do Arroz.
3	2 a 9 de junho	I	Exposição Interestadual de gado Nelore — Campos.
4	13 a 16 de junho	IX	Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Itaboraí e VIII Festa da Laranja.
5	20 a 22 de junho	VIII	Concurso Leiteiro de Macuco.
6	3 a 7 de julho	XVII	Exposição Agropecuária e Industrial Sul Fluminense Barra do Piraí.
7	20 a 24 de julho	XXXII	Exposição Agropecuária e Industrial de Cordeiro e VII Exposição Estadual.
8	26 a 29 de julho	V	Exposição Agropecuária, Industrial, Comercial e Turística de Macaé.
9	1 a 4 de agosto	VIII	Exposição Agro-Pastoril e Industrial de Paraíba do Sul.
10	12 a 15 de agosto	XVIII	Exposição Pecuária do Vale do Itabapoana — Bom Jesus de Itabapoana.
11	24 a 27 de agosto	XV	Exposição Agropecuária do Norte Fluminense e VIII Fescampi — Campos.

ESTADO DE SANTA CATARINA

Nº DE ORDEM	Nº DA EXPOSIÇÃO	DENOMINAÇÃO	LOCAL	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	CATEGORIA	PATROCINADOR
1	2	3	4	5	6	7	8
L	IVª	Exposição-Feira Agropecuária de Treze Tílias	T. Tílias	5/maio	Municipal	Geral	Prefeitura Municipal
2	—	Feira Reg. de Reprodutores Suínos de Concórdia	Concórdia	Maio	Regional	Especial	Pref. Sec. Agr. A.C.C.S. e M.A.
3	IVª	Torneio Leiteiro de R. do Sul	Rio do Sul	3ª Sm./Julho	Municipal		S.A. Pref. e M.A.
4	—	FEIRA AGROPECUÁRIA	Turvo	25/julho	Regional	Especial	Pref. S.A. - M.A.
5	—	Feira Reg. de Reprod. Suínos	Criciúma	julho	Regional	Especial	idem
6	—	Feira Reg. de Reprod. Suínos	Videira	Agosto	Regional	Especial	idem

ESTADO DE SÃO PAULO

MAIO

BARRETOS — I Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Ribeirão Preto e XXIII Exposição de Animais de Barretos de 5/5 a 12/5/74.

OURINHOS — I Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Marília e VIII Feira Pecuária e Industrial de Ourinhos de 26/5 a 2/6/74.

JUNHO

GUARATINGUETÁ — I Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados do Vale do Paraíba e XI Exposição Pecuária e Industrial de Guaratinguetá de 9/6 a 16/6/74.

ARAÇATUBA — I Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Araçatuba e XV Exposição de Animais de Araçatuba de 23/6 a 30/6.

JULHO

BASTOS — Festa do Ovo — Dira de Marília de 15/7 a 19/7/74.

SÃO PAULO — XVIII Exposição Feira de Gado Leiteiro, Cavalos de Trabalho, Esporte e Fins Militares, Muas, Ovinos, Caprinos e Aves de 13/7 a 21/7/74.

AGOSTO

BRAGANÇA PAULISTA — I Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de São Paulo e XI Exposição Pecuária e Industrial de Bragança Paulista de 11/8 a 18/8/74.

**Não
rogue pragas.
Mate-as.
Com Inseticidas
Inif e Lavrador
da Cocito.**



paulo broci

MOSAICO COOPERATIVISTA



R. D'Almeida Guerra Filho – Diretor-Técnico da SNA

PROJETO ARARIBÓIA TEM INÍCIO NO ESTADO DO RIO

A informação é de Bías Pimentel Filho, diretor-executivo da OCERJ – Organização das Cooperativas do Estado do Rio de Janeiro e assessor de cooperativismo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O projeto – segundo Bías – visa promover o fortalecimento do sistema cooperativista no Estado, através da ação conjugada – de esforços e recursos – dos vários órgãos que atuam no setor.

COOPERATIVAS RURAIS TERÃO ASSISTÊNCIA INTEGRAL DO INCRA

O novo coordenador do INCRA em Minas Gerais, sr. Afonso Damásio Soares, declarou ao assumir o cargo, que em sua gestão dará assistência integral às cooperativas rurais, a fim de que elas possam partir para uma competição com as empresas, garantindo sua sobrevivência e expansão.

COOPERATIVISMO NO NORTE DO PARANÁ GANHA NOVO IMPULSO

Implantado em Maringá o Projeto de Cooperativismo Norte Paraná – NORCOOP, com o objetivo de racionalizar e integrar as 31 cooperativas agropecuárias da região, abrangendo uma área geográfica equivalente a 173 municípios.

COMPRA EM COMUM REÚNE 6 COOPERATIVAS DO OESTE DE MINAS

A Superintendência de Cooperativismo – SUDECOOP, da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, assinou

convênio com seis cooperativas agropecuárias do Oeste do Estado, criando um sistema integrado de compra e venda.

A medida inicialmente irá possibilitar maior poder de compra às cooperativas, que passarão a adquirir produtos agrícolas e veterinários, máquinas, defensivos, gêneros e eletrodomésticos através de uma central que permitirá a redução dos custos dos produtos.

Parabéns a Oswaldo Freire da Fonseca Júnior, Superintendente da SUDECOOP/MG, pela feliz e oportuna iniciativa.

CLUBES JUVENIS DE COOPERATIVISTAS FUNCIONAM (BEM) EM SÃO PAULO

Desde 1962, vem funcionando no bairro do Tanque, em Atibaia (SP), o primeiro clube agrícola de jovens cooperativistas, organizado pela Cooperativa Agrícola de Cotia. Atualmente a CAC mantém 29 clubes semelhantes não só em São Paulo mas, igualmente, em Mato Grosso, congregando 1500 sócios.

Também a Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil conta, atualmente, com 8 clubes, reunindo 267 associados.

A informação é da revista bilíngue (português/japonês) **Agricultura Brasileira**, publicada em São Paulo, em artigo assinado pela Jornalista Maria Antônia Galvão sobre a juventude rural.

FUNDO COOPERATIVO INDENIZA PRODUTORES

Os proprietários de 2.205 hectares de trigo, prejudicados pelo granizo na última safra, já estão sendo inden-

izados pela OCEPAR – Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. As indenizações elevam-se a 371 mil cruzeiros, e os recursos para cobrir estes prejuízos são provenientes do Fundo Cooperativo de Garantia contra o Granizo, mantido pelos produtores, e administrado pela entidade, por delegação das cooperativas integrantes.

Na última safra, 3.208 triticultores de 19 cooperativas de produção filiaram-se ao Fundo, representando uma área assegurada de 98.562 hectares. No dia oito de março, representantes dos Departamentos Técnicos das Cooperativas se reuniram em Curitiba para analisar os processos de indenização, estudar alterações dos regulamentos e estabelecer as contribuições aos Fundos Cooperativos para a próxima safra. Aprovados os processos, a OCEPAR iniciou a seguir, a indenização dos produtores que tiveram lavouras de trigo avariadas pela incidência do granizo.

COOPERATIVISMO: A DEFINIÇÃO (?) QUE ESTÁ FALTANDO

Do Diário de Brasília de 28 de março, extraímos o seguinte tópico: "As primeiras 59 definições do Governo Geisel, abrangeram uma gama de soluções a serem adotadas e serviram para organizar a lista de prioridades para cada setor governamental. No que se refere à agricultura, foi dada ênfase à produção de produtos agropecuários de exportação onde sobressaem a soja, sorgo, milho, carne, madeira, frutas tropicais e alimentos industrializados. Entretanto, no contexto dessas primeiras definições nada foi dito que se relacionasse ao sistema cooperativo, mola propulsora e, em todas as áreas instrumento válido para o desenvolvimento rural brasileiro."

OBRIGAÇÕES TRABALHISTAS DO EMPREGADOR RURAL

O lançamento da
2ª edição revista e
atualizada do livro de
Nilza Perez de Rezende

A certeza de que somente com a observância exata da legislação trabalhista se poderá alcançar o clima desejável de bom entendimento entre empregadores e empregados rurais, levou a advogada Nilza Perez de Rezende a escrever o utilíssimo livro "Obrigações Trabalhistas do Empregador Rural", cuja 2ª edição — revista e atualizada — vem de ser lançada pela LTR — Editora, de São Paulo.

A autora, que é reconhecida autoridade no assunto, justifica o surgimento desta nova edição do seu livro pela necessidade imperiosa que sentiu de ter de refundir o texto original, enquadrando-o na Consolidação das Leis do Trabalho — em tudo que não colidir com a Lei nº 5.889 — a fim de que empregados e empregadores rurais fiquem conhecendo — correta e objetivamente — todos os seus direitos e obrigações, face às alterações ocorridas na legislação que lhes era aplicável.

O livro está dividido em nove partes, abrangendo e esgotando mesmo todos os aspectos jurídicos e legais relacionados com o trabalho rural, inclusive comentários às leis que passaram a ser aplicadas aos empregados e empregadores do campo, além de modelos de contratos, recibos, avisos, petições e outros, bem assim as decisões mais recentes dos tribunais sobre a matéria.

Ênfase especial é dada à Previdência Social Rural, com o propósito — segundo a autora do livro — de orientar os trabalhadores rurais no sentido de como proceder para obter e resguardar os direitos que as leis previdenciárias lhes asseguram.

O preço do livro é de Cr\$ 45,00 e o pagamento poderá ser feito através do reembolso postal ou cheque visado pa-

gável na Guanabara a favor de Nilza Perez de Rezende, rua Barão de Lucena nº 103 — Botafogo/Rio de Janeiro (GB) — 20.000 — ZC - 02.

FECOTRIGO: UMA SUPERCOOPERATIVA

O ideal cooperativista é o responsável pela construção, no porto de Rio Grande, do maior terminal graneleiro do país, atualmente com 110 mil toneladas estáticas, em vias de dobrar esta capacidade até o final do ano e dotado de equipamento capaz de movimentar mil toneladas de grãos (soja e trigo) por hora.

Para instalar os primeiros quatro armazéns do complexo de oito, a Cooperativa Tritícola Regional Serrana — COTRIJUÍ, a maior cooperativa de produção do Estado, reunindo 9 mil associados, investiu Cr\$ 50 milhões do seu fundo de reserva, o qual é formado com 10% do resultado apurado ao final de cada exercício.

Fundada em 1957, a COTRIJUÍ faturou no ano passado Cr\$ 608 milhões, sendo mais de 40% com soja, propiciando um excelente retorno a seus associados. Seu organograma é modelo, possuindo departamentos agrícolas (beneficiamento e venda de produtos), industrial (fábrica de óleo de soja com produção de 50 mil toneladas), de consumo e compras em comum (fornecimento aos associados), departamento portuário (exportação e serviços portuários), assistencial (jurídico, securitário, médico, odontológico e hospitalar), departamento técnico e ainda outros, de extensão rural.

No entanto, a COTRIJUÍ é apenas uma das 72 associadas da Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja — FECOTRIGO, cuja jurisdição se estende pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

Dada a amplitude de sua base territorial — 4 Estados — o número de produtores por ela mobilizados — 125 mil — e o vulto e diversidade dos seus

empreendimentos — já possui uma corretora de seguros e outra de câmbio e detém 50% do capital da maior empresa de navegação do Estado, a Lageado, com uma frota de 15 barcos com 15 mil toneladas estáticas — a FECOTRIGO é uma supercooperativa.

O novo dinamismo do órgão central das cooperativas de trigo e soja foi estimulado pela Lei 5 764 de 16 de dezembro de 1971, que permitiu que suas associadas agissem num sentido mais comercial, beneficiando-se dos lucros dos intermediários (do ramo dos transportes e seguros, por exemplo) a que recorriam antigamente.

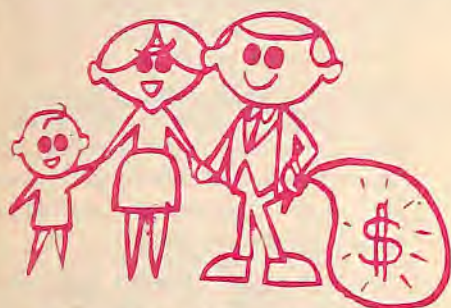
Unidos pela federação, os produtores podem usufruir de serviços tais como assistência técnica — a FECOTRIGO tem à disposição 91 engenheiros agrônomos e 84 técnicos agrícolas, fundo de auxílio cooperativo contra o granizo que nos últimos cinco anos indenizou 123.549 produtores num montante de Cr\$ 21 milhões — e de metade da capacidade armazenadora do Estado — a entidade tem 2,7 milhões de toneladas estáticas.

Beneficiam-se ainda da produção de sementes fiscalizadas a FECOTRIGO detém 90% da produção da semente de trigo e 80% da soja do Estado, de um centro de experimentação e pesquisa, do **pool** que a entidade organiza para exportações a qualquer área do mercado internacional.

Das sobras apuradas no balanço anual da entidade, 10% ficam para o fundo de reserva, 5% para o fundo de assistência técnica, educacional e social, 5% para o fundo de pesquisa, 50% para o fundo de desenvolvimento e 30% à disposição da assembleia-geral. No último exercício, o saldo para distribuição aos cooperados foi irrisório devido à frustação da safra do trigo (cerca de Cr\$ 10 mil) e, por unanimidade, foi distribuída como gratificação a funcionários. No balanço que será concluído no próximo mês de maio, a sobra líquida deverá ser excelente devido ao **boom** da soja do ano passado.

tranquilidade para toda vida

(e até depois dela...)



MONTEPIÓ COOPERATIVISTA DO BRASIL

O MAIS COMPLETO PLANO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DO BRASIL:

- PECÚLIO A PARTIR DO 6º MÊS
- PENSÃO MENSAL REAJUSTÁVEL
- APOSENTADORIA POR INVALIDEZ
- RENDA MENSAL OU FAMILIAR EM VIDA APÓS O 10º ANO

Beneficiários de acordo com o Código Civil ou de Livre Indicação

TABELA DEMONSTRATIVA DO -PLANO PREVICOOPER-

(Elaborada com resultados Médios do Mercado de Capitais - Ano Base 1970)

FAIXA	MENSALIDADE	TAXA DE INSCRIÇÃO	BENEFÍCIOS	10 ANOS	11 ANOS	12 ANOS	13 ANOS	14 ANOS	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	18 ANOS	19 ANOS	20 ANOS
10	10,00	20,00	R. Mensal	82,09	113,02	153,87	208,28	281,54	379,60	511,40	687,87	924,41	1.241,60	1.666,53
			Resgate	4.594,13	6.261,72	8.537,06	11.571,40	15.641,36	21.089,28	28.410,93	38.214,85	51.355,84	68.977,67	92.585,38
20	20,00	40,00	R. Mensal	165,38	226,04	307,34	416,56	563,08	759,20	1.022,80	1.375,74	1.848,82	2.483,20	3.333,06
			Resgate	9.188,26	12.523,44	17.074,12	23.142,80	31.282,72	42.178,56	58.821,86	78.429,70	102.711,28	137.955,34	185.170,76
50	50,00	100,00	R. Mensal	413,45	585,10	768,35	1.041,40	1.407,70	1.898,00	2.557,00	3.439,00	4.622,05	6.208,00	8.332,65
			Resgate	22.970,65	31.308,60	42.685,30	57.857,00	78.206,80	105.448,40	142.054,05	191.074,25	256.778,20	344.888,35	462.926,90
100	100,00	200,00	R. Mensal	826,90	1.130,20	1.536,70	2.082,80	2.815,40	3.790,00	5.114,00	6.878,70	9.244,10	12.416,00	16.625,30
			Resgate	45.241,30	62.617,20	85.370,60	115.714,00	158.413,60	210.892,80	284.109,30	382.148,50	513.556,40	689.776,70	925.053,80
200	200,00	400,00	R. Mensal	1.653,80	2.260,40	3.073,40	4.165,60	5.630,80	7.592,00	10.228,00	13.757,40	18.488,20	24.832,00	33.330,60
			Resgate	91.882,60	125.234,40	170.741,20	231.428,00	312.827,20	421.785,60	568.218,60	784.297,00	1.027.112,80	1.379.553,40	1.851.707,60

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Até junho de 1972: 59 anos 364 dias — para pessoa designada: de 0 a 18 anos.

CARENCIA TOTAL: 12 meses.

De 12 a 36 meses (Devolução das mensalidades) — De 36 a 60 meses: (Pecúlio por morte no valor de 100 vezes a Mensalidade) — De 60 até o prazo de espera contratado (Pecúlio de resgate — em caso de Falecimento ou Desligamento).

* RESGATE: Vencido o prazo de espera o associado ou beneficiário pode optar pela renda mensal ou pelo Resgate correspondente à faixa e prazo contratado.

PENSÃO / AP. INVALIDEZ

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	10,00	20,00	150,00
-A-	20,00	40,00	300,00
-B-	35,00	70,00	500,00
-C-	50,00	100,00	750,00
-D-	70,00	140,00	1.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Nas coletivas: 59 anos 364 dias — Idade média do grupo: 38 anos.

CARENCIA: 48 meses.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas.

ASSOCIAÇÃO PATROCINADORA:

OCB ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

(Órgão Oficial de todo o cooperativismo brasileiro)

GUANABARA: Av. Pres. Franklin Roosevelt, 39 — salas 709-710 e 711 — Tel. 222-1639

VITÓRIA: Av. Jerônimo Monteiro, 126 — salas 904 e 905 — Tel. 34-591 — Vitória — ES

PECÚLIO COOPERATIVO

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	2,00	4,00	2.000,00
Básico	10,00	20,00	10.000,00
Duplo	20,00	40,00	20.000,00
Tripla	30,00	60,00	30.000,00
Espec.	50,00	100,00	50.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Nas coletivas: 59 anos 364 dias — Idade média do grupo: 38 anos.

CARENCIA: Após 180 dias, 50% — Após 360 dias, 100%.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas, com carência de 30 dias.

O inhame (*colocasia esculenta* Schott), aspectos culturais, econômicos e sanitários de seu cultivo na Guanabara.

Almiro Gonçalves de Castro — Eng^o Agron. Chefe
do Serviço de Horticultura Divisão Técnica do De-
partamento de Agricultura. SAG — GB

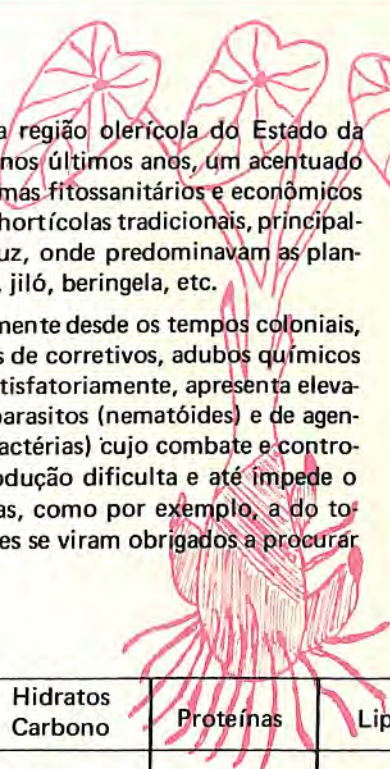
A cultura do inhame na região olerícola do Estado da Guanabara vem ganhando, nos últimos anos, um acentuado incremento, face aos problemas fitossanitários e econômicos que envolvem as lavouras hortícolas tradicionais, principalmente na região de Sta. Cruz, onde predominavam as plantações de quiabo, pimentão, jiló, beringela, etc.

O solo cultivado seguidamente desde os tempos coloniais, além de exigir maciças doses de corretivos, adubos químicos e orgânicos para produzir satisfatoriamente, apresenta elevado índice de infestação de parasitos (nematóides) e de agentes patogênicos (fungos e bactérias) cujo combate e controle, além de encarecer a produção dificulta e até impede o cultivo de algumas olerícolas, como por exemplo, a do tomateiro. Assim, os produtores se viram obrigados a procurar

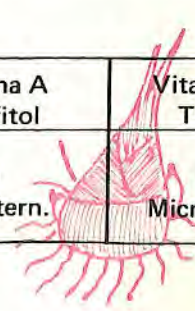
plantas mais rústicas, menos exigentes e que possibilitem resultados econômicos satisfatórios. Assistimos no momento, a uma mudança das espécies cultivadas, constatando o aumento da área cultivada com batata doce, aipim e inhame.

O inhame é um alimento nutritivo, saboroso e de uso bastante difundido no meio rural, seu consumo nas cidades ainda é pequeno se comparado ao consumo da batata doce e do aipim, entretanto, seu uso vem ganhando adeptos dia para dia, sendo indispensável em vários regimes alimentares modernos.

No quadro abaixo, podemos observar o valor nutritivo, em percentagem, para 100 gramas de inhame.



Calorias	Hidratos Carbono	Proteínas	Lípidios	Ca	P	Fe
66,8	14,60	1,50	0,20	0,025	0,050	4



Vitamina A Axerofitol	Vitamina B1 Tiamina	Vitamina B2 Riboflavina	Niacina Fator PP	Vitamina C Acid. Ascórbico
50 Unid. intern.	100 Microgramas	83 Microgramas	1,100 Miligramas	9.8 Miligramas

Características Botânicas — o inhame é planta monocotiledônea da família das Aráceas, caracterizada pelo tipo de inflorescência em espadice, com as flores femininas no ápice e as masculinas na base do espadice. As folhas são formadas por grandes limbos aveludados, de formato mais ou menos cordiforme com nervuras bem visíveis e salientes na face inferior da folha, pecíolo longo e espesso. O caule é modificado em um rizoma feculento, constituindo a parte comestível da planta. As raízes são abundantes e do tipo fasciculado.

Variedades — existem diversas variedades de inhame, algumas são encontradas vegetando em estado seminativo nas serras e grotas úmidas na zona rural do Estado, no meio de antigos bananais. Dentre as variedades cultivadas destacamos o "inhame branco" ou de "porco" que apresenta um rizoma branco, com grande cabeça e poucos rebentos laterais, a planta é vigorosa de folhas grandes. A variedade é pouco apreciada por ter um sabor picante, cultivada com a finalidade de alimentação de animais. A variedade "roxo" ou "inhame chinês" é a cultivada na Guanabara, caracterizando-se por apresentar um rizoma de cor ligeiramente arroxeados, folhas menores e de coloração verde mais intenso que a primeira.

Solo — a planta da preferência aos terrenos ricos em matéria orgânica e com bom teor de umidade, pode entretanto ser cultivada em diversos tipos de solo, não sendo exigente quanto as adubações.



Planta sadia com bons crescimentos.

Época de plantio — a melhor época de plantio corresponde aos meses de agosto e setembro, quando se pretende a obtenção de maior produção por área plantada, entretanto, desejando-se obter melhores preços o plantio deverá ser feito mais cedo, nos meses de fevereiro e março.



Plantas sadias.

Média de preços a nível de varejo (Feiras Livres).

1967 — 1973



Plantio — o inhame é multiplicado por via assexuada, através de pedaços do rizoma central, de brotos ou de mudas que surgem do lado do rizoma principal.

(figura 2 e 3)

No plantio, podemos utilizar rizomas ou mudas pequenas, com peso médio entre 17 e 20 gramas e que não tem co-

mercialização. O tamanho do rizoma ou da muda não irá influenciar na produtividade. Esta será diretamente influenciada pelo espaçamento de plantio. Os produtores estão usando o compasso de 1,10 x 0,40 m que é excessivo, tendo em vista ensaios de campo realizados em Viçosa — Trabalho apresentado na X^a Reunião da Sociedade de Olericultura do Brasil, pelos Agrônomos José F. da Silva e Flávio A.A. Couto — demonstrando que a produção total, a produção da cabeça central e a produção de rebentos comerciáveis, aumentaram com a redução do espaçamento e que dentro dos espaçamentos estudados o peso médio dos rebentos laterais não foi afetado, reduzindo o peso médio da cabeça central. Assim podemos indicar um espaçamento mais estreito para o plantio, qual seja o de 1,0 m entre linhas e 0,20 m entre plantas.



Dr. Viegas técnico da Secretaria de Agricultura verificando a sanidade da plantação.

Tratos culturais — essa cultura necessita de poucos cuidados, destacando-se a amontoa como a prática mais importante, capinas e irrigações periódicas.

Colheita — a colheita é feita entre o sexto e oitavo mês após o plantio, arrancando-se a touceira formada. Arrancada a planta são os rizomas separados das folhas e raízes, colocados em lugar ventilado para secar e facilitar a retirada dos restos de folhas, fibras e raízes que ficaram aderentes, medida essa que visa proporcionar uma melhor apresentação ao produto.

Rendimento — a produção média em terras turfosas de Sta. Cruz, tem sido de 1.000 caixas de rizomas comercializáveis por hectare.

A comercialização geralmente é feita em caixas do tipo de tomate com um peso médio de 20 quilos.

A aceitação do inhame nos mercados da Guanabara é boa, sendo utilizado pelas donas de casa como sucedâneo da batatinha, do aipim e da batata doce.

Os preços no mercado atacadista durante o ano de 1973, variaram de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 40,00 por caixa, sendo que as melhores cotações se verificaram nos meses de novembro e dezembro.

Conta Cultural — 1 hectare

1 — Mão de Obra

a — preparo do terreno	Cr\$ 560,00
b — distribuição e incorporação de adubos	Cr\$ 150,00
c — sulcamento e plantio	Cr\$ 100,00
d — capinas e amontoas	Cr\$ 450,00
e — colheita e preparo para comercialização	Cr\$ 900,00

2 — Insumos

a — aquisição de 60 caixas de rizomas para sementes	Cr\$ 900,00
b — aquisição de 10 m ³ de esterco de aves	Cr\$ 500,00
c — aquisição de 1.000 caixas p/embalagem	Cr\$ 4.500,00

Total Cr\$ 8.060,00



Operação de limpeza e encaixotamento do inhame.

Rendimento médio — 1.000 caixas — ao preço médio de Cr\$ 18,00 proporcionará um rendimento bruto de Cr\$ 18.000,00.

Não considerando despesas com transporte e comissão de venda, a cultura deixa uma venda líquida de Cr\$ 9.940,00 por hectare plantado.

Pragas e Doenças — no referente a pragas e doenças da cultura, nenhum problema de maior gravidade até o momento tem preocupado os produtores, entretanto devemos informar que o professor Charles F. Robbs, já identificou atacando essa planta as seguintes pragas: uma "aranha vermelha" *Tetranychus* sp. e o "pulgão verde" *Pentalonia nigronervosa* Coq. que podem causar danos às folhas, principalmente em épocas de grande estiagem. Como enfermidade das folhas, assinalou a "cladosporiose" cujo agente é fungo *Cladosporium colocasiae* Saw., que provoca no limbo das

folhas lesões de cor pardacentas e formato circular e em cujo centro aparecem excrescências negras, resultante de uma reação do tecido da planta. Tais lesões com o tempo coalescem, causando um "crestamento" foliar. O fungo no pecíolo, provoca também excrescências negras que são bem características da enfermidade.

Finalmente, assinalou ainda, uma "podridão mole" do rizoma causada pela bactéria *Erwinia caratovora* (Jones) Holland, que eventualmente pode ocasionar a morte da planta.



As folhas esbranquecidas são as que apresentam a infestação por ácaros.



Folha afetada pela CLADOSPORIOSE.

Alimentação dos reprodutores suínos

Therezinha de Almeida O. Lima Veterinária do IPEACS e bolsista do CNPq

Na suinocultura, 80% dos gastos correm por conta da alimentação. Deve-se, portanto, sempre planejar uma alimentação racional e econômica de modo a se conseguir um custo de produção o mais barato possível.

Na alimentação de porcos deve-se conhecer: as necessidades dos animais de várias categorias e nas diversas idades; as propriedades dos diversos alimentos.

A combinação de diversos alimentos, satisfazendo as necessidades do organismo animal, chama-se "alimentação racional".

Assim, a criação de suínos é sempre mais racional quando se combina a alimentação balanceada com o pastoreio, o que apresenta as seguintes vantagens: fornecimento, pelas forrageiras, das vitaminas e sais minerais, sendo a parte protéica complementada pela ração balanceada; favorece o exercício dos animais; economia com gastos de concentrados, pois o animal, em regime de pasto, consome, logicamente, menos ração.

Uma forrageira para piquetes de suínos deve satisfazer vários requisitos: cobrir perfeitamente o terreno; produzir maior quantidade de folhas durante o ano; ser resistente ao pisoteio dos animais; possuir boa palatabilidade.

PERÍODOS DE ALIMENTAÇÃO

Considera-se dois períodos de alimentação na vida dos reprodutores suínos: repouso e serviço.

No primeiro, dá-se ração de manutenção, a qual deve ser econômica. Os reprodutores devem se manter com boa massa muscular, sem gordura. Usa-se ração igual, tanto para fêmeas como para machos.

O período de serviço compreende, para o varrão, a época de monta, e para a fêmea, a monta, a gestação e a lactação.

ALIMENTAÇÃO DOS VARRÕES E PORCAS

Uma boa alimentação estimula e facilita a função reprodutora dos machos, mantendo o vigor sexual e função esper-



matogênica, dando um corpo ágil para facilidade da monta. Os reprodutores devem realizar o máximo de exercício possível e ser mantidos sempre em piquetes.

A ração deve conter vitaminas e minerais ao lado de bons princípios nutritivos, sendo administrados, por dia, 2 Kg de ração balanceada a cada reprodutor.

O rendimento econômico do ventre de uma porca é determinado pela fecundidade, pelo maior número de leitões nascidos em cada parto e seus respectivos pesos, sendo a alimentação, em grande parte, responsável por estes fatores. Por isso, duas semanas antes da cobertura, deve-se alimentar as porcas com rações ricas em vitaminas e microelementos, denominada FLUSHING, a fim de permitir um maior número de óvulos fecundáveis na cobertura. Para as marrãs, dá-se também o fubá de milho, que é rico em vitamina E.

O FLUSHING deve ser dado à porca até que não haja repetição de cio e a prenhez seja confirmada. Neste período, o ganho médio de peso vivo das porcas deve ser em torno de 300 g por dia.

ALIMENTAÇÃO DAS PORCAS PRENHEZ

Ao se alimentar porcas em gestação, deve-se satisfazer todas as suas necessidades alimentares próprias deste período. Durante a gravidez, ocorrem modificações quantitativas na dieta alimentar, devendo a ração da porca gestante satisfazer à manutenção do seu corpo, produzir energia necessária a uma reserva alimentar e para o período de lactação.

No último mês da gestação da porca, deve-se aumentar a quantidade de ração, pois é neste período que se desenvolve 2/3 do crescimento dos fetos.

É grande a deposição de vitaminas e minerais nos fetos, como o cálcio, que mineraliza os ossos, e o ferro, que se acumula em grande quantidade no fígado e baço.

Para arraçoar porcas neste estado, recomenda-se: verde ou feno à vontade; 0,8% a 1,0% de ração/100 Kg de peso vivo nos primeiros 2/3 da gravidez; 1,2% a 1,3% de ração/100 Kg de peso vivo no último terço da gestação.

As porcas prenhez devem permanecer em piquetes, em local que lhes permite exercício ao ar livre, com área sombreada e água fresca.

Um bom pasto de leguminosas ou gramíneas permite manter, por hectare, 25 a 30 primíparas (marrãs) ou 20 a 25 porcas adultas, até duas semanas antes da parição. Nessa ocasião, são levadas para a maternidade, sendo antes lavadas com sabão e desvermifugadas.

A silagem e o feno são bem tolerados pela porca prenhe, pois nesse estado o aparelho digestivo encontra-se bem desenvolvido.

Pode-se adicionar 10 a 12% de silagem ou feno à ração das porcas em gestação, sendo bem toleradas, pois durante a gravidez o aparelho digestivo encontra-se bem desenvolvido. Quando fornecidos estes volumosos, eles substituem nutritivamente o pasto, impedem o peso excessivo das reprodutoras e diminuem o peso dos leitões ao nascer.

As primíparas devem ganhar de 45 a 60 Kg de peso e as adultas devem aumentar de 35 a 45 Kg. Este acréscimo cobre as perdas do parto e da lactação, estimadas entre 10 a 20%.

ALIMENTAÇÃO DAS LACTANTES

O crescimento e o vigor da leitegada depende da quantidade do leite produzido pela porca.

A ração dada a animais nesse estado deve ser palatável, econômica, com boa proteína, elementos minerais e vitaminas, dependendo a quantidade diária, a ser dada por animal, do peso da porca e do número de leitões em aleitamento.

É costume arraaçar-se as lactantes dando-se 2 kg de ração/dia/porca e mais 0,5 kg de ração/dia/leitão aleitado. Assim, uma porca amamentando 8 leitões deve receber 6 kg de ração diariamente.



Os piquetes bem limpos garantem melhor e mais rápido desenvolvimento dos animais vendidos na Fazenda Baroneza como reprodutores.



A tabela I mostra os nutrientes necessários para os reprodutores.

PERCENTAGEM OU QUANTIDADE EM QUILO DA DIETA

Proteína e energia	Fêmeas Gestantes	Em lactação	Varrões	
			Jovens	Adultos
Proteína bruta	Kcal	143,300	15	14
Cálcio	%	0,75	0,60	0,75
Fósforo	%	0,50	0,40	0,50
Nacl (sal)	%	0,50	0,50	0,50

**A tabela II fornece a quantidade de Nutrientes requeridos pelos reprodutores
QUANTIDADE POR ANIMAL POR DIA**

Proteína e energia		Gestação		Lactação		Varrões	
		Primíparas	Adultas	Primíparas	Adultas	Jovens	Adultos
		110/160	160/250	140/200	200/250	110/180	180/250
Proteína bruta	g	280	280	750	825	350	280
Energia digestível	Kcal	6,600	6,600	16,500	8,250	6,600	
Nutrientes inorgânicos							
Cálcio	g	15,0	15,0	30,0	33,0	18,8	19,0
Fósforo	g	10,0	10,0	20,0	22,0	12,5	10,0
Nacl (sal)	g	10,0	10,0	25,0	27,5	12,5	10,0

O quadro abaixo mostra rações de reprodução.

- I — Flushing — usada para porcas antes da cobertura.
 II — P.G. — Para porcas gestantes e varrões.
 III — P.L. — Para porcas em lactação.

Ingredientes	I — Flushing %	II — P.G. %	III — Lactação %
Fubá de milho	65,00	68,00	63,00
Farelo de soja	20,00	9,00	10,00
Farelinho de trigo	—	20,00	24,00
Farinha de carne	10,00	2,00	2,00
Feno de alfafa	4,00	—	0,50
Farinha de osso	0,50	0,50	0,50
Sal fino	0,50	0,50	—

IPEACS



O Estado da Bahia foi imortalizado por esta cultura — coqueiros.

Ganhe muito, plantando na sua propriedade o coqueiro
 anão-VERDE VERDADEIRO.



Grande produtividade e muito sabor. Mudas e informações com o
Dr. A. de Souza Pires,
 na Rua Aurélio de Figueiredo, 114
 Campo Grande-Guanabara
 20.000—Fone: 394-0896.

Mais café com maior produtividade — a meta da política de produção cafeeira.

Dr. José de Paula Motta Filho
Diretor de Produção do IBC

Conjuntura Econômica

Mais de 250 mil propriedades respondem pela produção cafeeira do Brasil, explorando cerca de 2,2 bilhões de cafeeiros adultos e produzindo a uma média da ordem de nove sacas por mil pés. Hoje, esta população está sendo acrescida de novos cafeeiros, implantados através do Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais. Em 1972-73 foram plantados 320 milhões de pés e até o final do ano agrícola 1973-74, deverá ser atingida a meta de plantio de 600 milhões.

O incentivo ao plantio e outros estímulos ao aumento da produtividade das lavouras atuais visam recuperar o potencial produtivo da cafeicultura brasileira, para situá-lo ao nível de 26 a 28 milhões de sacas anuais.

O problema da ferrugem, doença que causa sérios prejuízos à sua produção vem recebendo, igualmente, tratamento adequado, em seus aspectos técnicos e econômicos, através do Programa de Controle da Ferrugem do Cafeeiro.

Deste modo, esses planos e programas conferem ao setor da produção cafeeira, um tratamento global, onde as atividades desenvolvidas baseiam-se na conjugação dos trabalhos, pesquisa, assistência técnica e assistência financeira.

ANTECEDENTES

Em 1961 a situação era bem diversa da de hoje. O potencial médio de produção situava-se em torno de 36 milhões de sacas anuais, produzidas por uma população cafeeira da ordem de 3,9 bilhões de pés. A demanda atingia a casa dos 24 milhões de sacas: 18 milhões para exportação e 6 milhões para consumo interno.

A sobra anual, de 12 milhões de sacas, acumulava-se aos estoques governamentais em face da política de garantia de preços e compra dos excedentes adotada pelo Governo. Em fins de 1962 esses estoques já atingiam 42 milhões de sacas.

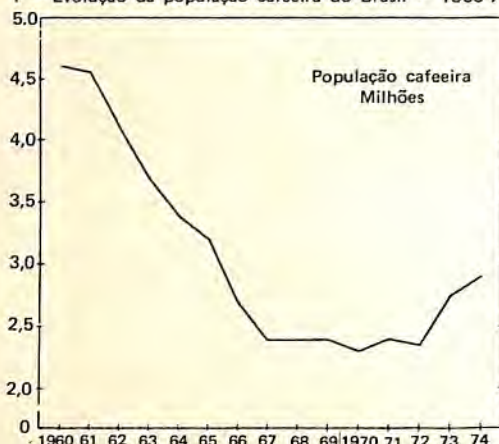
Além disso, grande faixa de cafeeiros vinha produzindo com baixos índices de produtividade, fruto de sua idade avançada, do desgaste da fertilidade das terras e da ocorrência de geadas e secas nas áreas inadequadas à cultura. A manutenção desses cafeeiros se constituía em atividade antieconômica e descapitalizante do cafeicultor.

Foi, então, idealizado e executado um programa de erradicação desses cafezais, com estímulos paralelos à diversificação. No período 1962-67, 1,38 bilhão de cafeeiros tiveram erradicação subvencionada e mais 350 milhões foram erradicados espontaneamente pelos cafeicultores, totalizando 1,73 bilhão, bem próximo da meta planejada, de 2 bilhões de cafeeiros.

Tabela I — Produtividade dos cafezais brasileiros calculados no quadriênio de 1966/1969 — sacos beneficiados por mil pés.

Estados	1966	1967	1968	1969	Média
Paraná	8,3	15,2	9,8	14,8	12,0
São Paulo	8,7	12,3	6,7	8,8	9,3
Minas Gerais	8,9	5,7	5,7	4,0	6,0
Espírito Santo	4,1	2,3	5,1	1,6	3,3
Média	8,0	11,2	7,8	9,7	9,0

I — Evolução da população cafeeira do Brasil — 1960-74



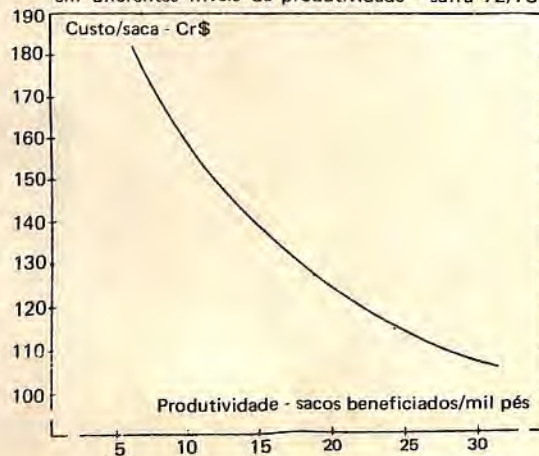
Os efeitos de erradicação, somados àqueles de desestímulo nos preços internos e ainda às geadas ocorridas no Paraná no fim do período, promoveram a redução do potencial produtivo da cafeicultura brasileira, que caiu para 24 milhões em 1968-69, situando-se, em 1970, ao nível de 19-20 milhões de sacas.

O decréscimo da população cafeeira, conforme pode ser observado no gráfico I, atingiu no período 1960-70, a proporção de 49%.

Em 1970, 2,2 bilhões de cafeeiros constituíam o parque cafeeiro nacional, apresentando flutuações periódicas e variações regionais marcantes.

Os dados expressos na tabela I dão bem a dimensão da produtividade extratificada em mosaico de ano para ano e de região para região.

II — Custo de produção de café em diferentes níveis de produtividade — safra 72/73



Esses aspectos, somados ao baixo nível da produção brasileira, motivaram uma reformulação da política cafeeira, partindo-se daí para uma fase de incremento à produção e produtividade.

PRODUTIVIDADE – CUSTO

Evidentemente, a produtividade é um fator essencial dos custos de produção. Na cultura do café, é ainda mais importante pelo fato de que inúmeras operações e insumos são aplicados independentemente da produção esperada, traduzindo-se em gastos fixos. Exemplificando tais operações, citam-se, dentre outras, as capinas, o combate às pragas e doenças, as arruações e esparramações, a administração e capatazia. O gráfico II mostra essa relação, com os dados do custo de produção da safra 1972-73.

RENOVAÇÃO DE CAFEZAIS

Com início em 1969-70, está sendo implantada uma nova fase de renovação da cafeicultura, com a utilização de modernas práticas agronômicas e estímulos de crédito e assistência técnica fornecidos através do Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais.

Estas diretrizes são seguidas por uma política adequada de preços pagos ao produto.

Em 1969-70, foi financiado o plantio de 50 milhões de cafeeiros, tendo havido aceitação de 39 milhões de pés. Em 1970-71, em prosseguimento, o crédito foi ampliado abrangendo também as atividades de formação de mudas,

aquisição de fertilizantes e corretivos e incentivo ao uso de defensivos na lavoura cafeeira. Neste ano, foram aprovados recursos para 200 milhões de covas, tendo sido financiados 136 milhões.

No ano agrícola 1971-72, foi executado programação semelhante incluindo, ainda, financiamentos para recepção em cafezais. A área de atuação do Plano abrangia agora, além dos quatro maiores produtores — Paraná, S. Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo — os estados de Mato Grosso, Goiás, Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro. Nessa etapa foi contratado o plantio de 86 milhões de cafeeiros.

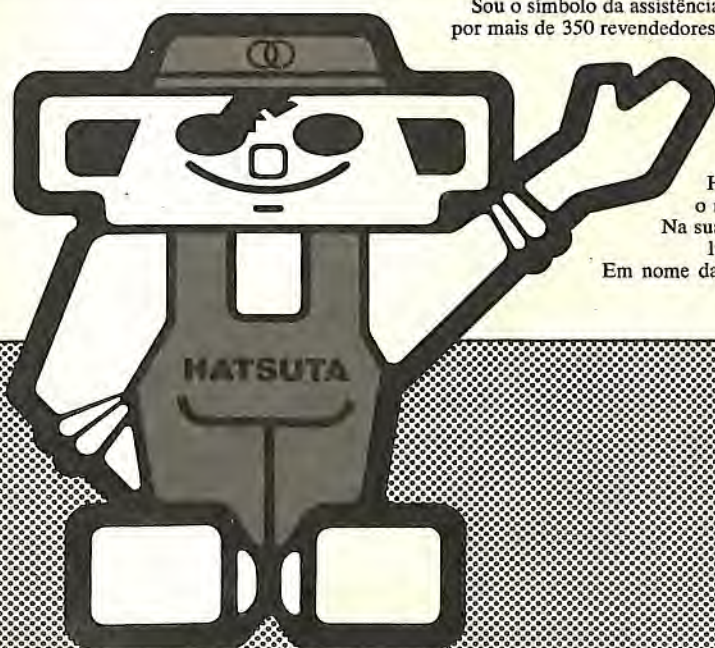
O movimento geral, em termos de plantio efetivo, nessas etapas, atingiu a cifra de 240 milhões de novos cafeeiros.

Coincidindo essa nova fase com a constatação da ferrugem do cafeeiro, em 1970, os esforços desenvolvidos dividiram-se entre a renovação e revigoração de cafezais e as atividades do Programa de Controle da Ferrugem do Cafeeiro, nos setores de pesquisa, treinamento de pessoal, crédito e de assistência técnica.

PREÇOS

As diretrizes imprimidas pelo Governo no setor café, compreendem, ainda, a sustentação das cotações internacionais e a transferência dos ganhos obtidos. Paralelamente, devolvendo ao setor privado a comercialização externa e interna do produto.

Eu garanto a assistência técnica que sua lavoura merece.



Sou o símbolo da assistência técnica Hatsuta. Eu represento a garantia do serviço prestado por mais de 350 revendedores Hatsuta distribuídos por todo o país para dar

ao agricultor brasileiro a mais perfeita assistência técnica.

Todos os anos a Hatsuta forma, através da própria fábrica e da escola volante, centenas de técnicos

especialmente treinados para ensinar o homem do campo a explorar melhor seus equipamentos, utilizar novos acessórios e manter os pulverizadores e moto-serras Hatsuta em perfeito estado. Esteja sempre em contato com o revendedor Hatsuta mais próximo da sua cidade.

Na sua lavoura não vai ter lugar para pragas.

Em nome da Hatsuta, eu garanto.

HATSUTA®



A evolução dos preços recebidos pelo produtor é apresentada no gráfico III.

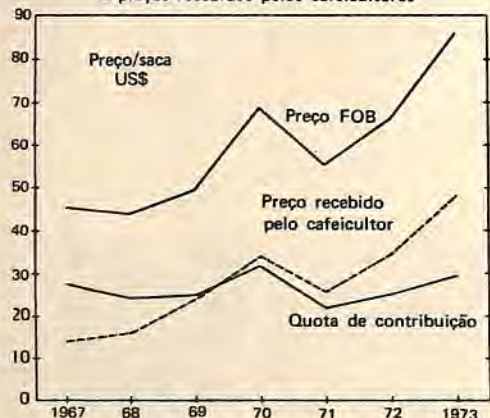
No primeiro semestre de 1973 o preço havia subido 62,5% sobre igual período de 1972.

O gráfico III mostra, ainda, que a quota de contribuição em termos absolutos tem diminuído. No entanto, essa redução é muito maior em termos relativos. Hoje ela representa 33% do preço de exportação, quando no início de 1967 chegava a 65%. Nessas circunstâncias, o exportador recebe em 1973 mais dólares do que recebia em 1969 ou 1971, equivalentes ao preço daquela época sem a quota de contribuição.

META TRIENAL

A mobilização dos instrumentos utilizados pelo Governo no sentido de permitir a elevação do preço recebido pelo produtor, conjugado com os estímulos de uma política de crédito orientado, possibilitaram, a partir de 1972, a obtenção de uma maior aceitação dos financiamentos incluídos no Plano Trienal de Renovação e Revigoração de Cafezais.

III — Evolução do preço FOB, quota de contribuição e preços recebidos pelos cafeicultores



Esse Plano incorporou novos incentivos para formação de mudas, plantio, podas, aquisição de fertilizantes, defensivos, pulverizadores e tratores, abrangendo a curto e médio prazo, medidas para o aumento da produção de café. Em plena execução, o Plano prevê a aplicação de quase Cr\$ 5 bilhões no triênio 1972-74.

Encerrada a primeira etapa, em 1972-73, observou-se que os resultados alcançados superaram as expectativas. Foram aplicados cerca de Cr\$ 1,7 bilhão nos seis programas executados, dos quais quatro superaram as metas planejadas. No aspecto do plantio, a meta global prevê o financiamento de 600 milhões de pés. Já no primeiro ano foram financiados 362 milhões, estimando-se um plantio efetivo de 320 milhões. Na tabela II, os números de plantio são detalhados por estado.

Tabela II — Financiamento ao plantio de cafezais — etapa 1972-1973.

Estados	Plantio (milhões de pés)
Paraná	94
São Paulo	96
Minas Gerais	102
Espírito Santo	8
Mato Grosso	39
Goiás	10
Pernambuco	0,5
Ceará	2,0
Bahia	8,0
Rio de Janeiro	1,2
Total	362,7

Para a etapa 1973-74, encontra-se em execução programação semelhante à de 1972-73, esperando-se o preenchimento das metas previstas no Plano Trienal. Com relação ao plantio, os dados dos financiamentos até outubro indicam 90 milhões de covas propostas, das quais 25 milhões constam de projetos já elaborados e 65 milhões encontram-se em análise. Em termos regionais observa-se maior aceitação no estado de Minas Gerais.

Diante dos novos plantios efetuados, pode-se estimar acréscimo de produção da ordem de 1,8 milhão de sacas em 1973-74; 3,2 milhões em 1974-75; 6,5 milhões em 1975-76 e 8,1 milhões em 1976-77.

Esses acréscimos, no entanto, não podem ser encarados como simples somatório aos atuais níveis da produção brasileira, uma vez que os mesmos dependerão da dinâmica de substituição de cafezais em decadência. Nessa tendência é necessário considerar, ainda, os incentivos de outras culturas como alternativa regional e, por outro lado, o efeito multiplicador que certamente advirá a partir da implantação do Plano Trienal de Renovação e Revigoração de Cafezais.

FERRUGEM — PESQUISAS E ASSISTÊNCIA

Com a crescente disseminação e o sucessivo ataque da ferrugem do cafeeiro, os cafezais já vêm mostrando sensíveis prejuízos quando não recebem as pulverizações recomendadas.

Dessa forma, torna-se mais evidente para os cafeicultores, a necessidade do tratamento de suas lavouras. Aliás, o aspecto de conscientização dos cafeicultores vem recebendo a maior atenção dentro das atividades desempenhadas no Programa de Controle da Ferrugem do Cafeeiro, em execução através do IBC.

Esse Programa, em sua primeira etapa, procurou destacar os trabalhos de pesquisa. Grande número de ensaios foram instalados, obtendo-se, de imediato, resposta aos problemas mais urgentes, quais sejam, os produtos eficientes, a época, as dosagens e os equipamentos adequados para controle. Daí, gradativamente, vêm sendo instalados novos ensaios, objetivando apurar essas informações, pesquisando métodos e produtos que possibilitem paralelamente uma redução no custo dos tratamentos.

Seguindo-se aos trabalhos de pesquisa inclui-se a assistência técnica, que se encarrega de levar aos cafeicultores os resultados obtidos experimentalmente. A rede de assistência técnica tem sido periodicamente treinada, aparelhada e ampliada para preencher satisfatoriamente estes objetivos. São utilizados métodos de assistência individual, de grupo e de massa.

Finalmente, a execução do controle encontra respaldo nos recursos fornecidos através do Plano Trienal de Renovação e Revigoração de Cafezais, para aquisição dos fungicidas, pulverizadores e tratores necessários, acrescentando-se o subsídio total dos juros para estimular sua aceitação.

Havendo, assim, informações e recursos disponíveis e sendo técnica e economicamente viável, o controle repousa na decisão do cafeicultor em executá-lo.

Sorgo Forrageiro

Engº Agron. Sylvio Romero de
Carvalho Bolsista do CNPq

O sorgo forrageiro se encontra muito difundido em nosso meio criatório como substituto do milho na confecção de silagem.

Agronomicamente quando comparado ao milho, o sorgo apresenta muitas vantagens, através de menor número de fatores que limitariam a sua cultura; maior rusticidade e menor exigência quanto à fertilidade do solo e falta de água e, inclusive, podendo ser plantado mais tarde por tolerar os freqüentes "veranicos" de janeiro.

Entretanto, a qualidade de sua silagem é inferior à do milho. Experimento realizado em Nova Odessa (SP) verificou que a ingestão voluntária da silagem de sorgo foi de 30 kg/vaca/dia e 33,4 kg/vaca/dia para o milho, com produções de 9,3 e 10,4 kg/leite/vaca para sorgo e milho, respectivamente. Mesmo com a silagem apresentando menor valor nutritivo, a maior produção de massa por unidade de área recomenda o seu emprego, pois traz maior viabilidade econômica para o custo de produção.

CULTIVARES

Experimentos realizados no IPEACS, comparando os cultivares nacionais com híbridos americanos introduzidos, mostraram que os nossos cultivares SANTA ELIZA, FARTURA e LAVRENSE produziram tanto quanto os melhores híbridos, aliado ainda à vantagem na aquisição fácil das sementes, apesar de apresentarem um ciclo mais longo. Além do mais, as companhias que produziam os híbridos não forneciam dados sobre as linhagens de que eram compostos, ficando o criador, então, sujeito à importação de sementes. Por esta razão, preferimos reco-

mendar os cultivares nacionais, principalmente os cultivares SANTA ELIZA e FARTURA.

ÉPOCA DE PLANTIO

Os cultivares recomendados, independente da época de plantio, apresentavam-se sensíveis a certas condições climáticas que induzem o seu florescimento, dando, como efeito, uma colheita entre fins de maio e início de junho.

Teoricamente, plantando-se mais cedo, o ciclo vegetativo seria mais longo, com um aumento de produção de massa. O material, porém, ficaria mais fibroso e mais atacado por pragas e doenças. Baseados em ensaios realizados no Setor de Agrostologia do IPEACS, recomendamos um plantio mais tardio (15 de novembro — 15 de dezembro).

ESPAÇAMENTO E DENSIDADE

Pode-se usar espaçamentos de 0,60 a 1,00 m entre linhas (com 1 metro haverá maior facilidade nos tratos culturais) e de 10-20 plantas por metro linear. Para se calcular a quantidade de sementes a serem gastas por ha, basta usar uma pequena fórmula, à qual daremos um exemplo:

$$\frac{\text{Peso das sementes} \times \text{nº plantas por área}}{10 \times \% \text{ de germinação}}$$

x = quantidade de sementes a ser gasta (peso)
peso de 1000 sementes = 14 gramas
Nº de plantas por área = 10-20 plantas por metro linear
% germinação = 80%

$$x = \frac{14 \times 20}{10 \times 80} = 0,35 \text{ gramas por metro linear}$$

Usando-se espaçamento de 1 metro entre linhas, teremos:

$$\begin{aligned} 1 \text{ m} &= 0,35 \text{ gramas} \\ 10.000 - x \\ x &= 3.500 = 3,5 \text{ kg/ha.} \end{aligned}$$

Gastando-se de 3 a 5 Kg de sementes por ha não haverá necessidade de desbastar a cultura.

ADUBAÇÃO

Para solos podzólicos, os cultivares SANTA ELIZA e FARTURA não respondem ao potássio. Entretanto, níveis baixos de fósforo revelados por uma análise deste solo limitam bastante a produção de sorgo e, de uma maneira geral, recomenda-se de 60-100 kg P 205/ha, dependendo dos resultados fornecidos pela análise.

Para o nitrogênio, recomendamos 50-100 Kg, colocando-se 1/3 no plantio, misturado com o fósforo, e 2/3 em cobertura, entre 40-60 dias após o plantio.

COLHEITA E ENSILAGEM

Quanto ao ponto de colheita, o assunto é bastante controverso. Observações preliminares, todavia, nos fazem concluir que talvez devêssemos colhê-lo quando os grãos se encontrassem no estado leitoso.

Normalmente, a colheita era feita quando os grãos se apresentavam uma consistência duro-ceroso. Neste ponto, contudo, as plantas possuíam um teor de matéria seca muito elevada, dando uma silagem muito fibrosa. Além disso, a partir do florescimento, constatou-se

um ataque mais intenso de broca. Para agravar a situação, houve alongamento do ciclo vegetativo, devido à uma colheita mais tardia, porque os colmos ficariam completamente brocados.

Quanto à ensilagem do sorgo, podemos fazê-la antes do florescimento, mesmo sem o uso de aditivos. Silagens confeccionadas com material em vários estágios de desenvolvimento estão sendo testados no Setor de Agrostologia do IPEACS, e, futuramente, este aspecto ficará devidamente solucionado.

Experimentalmente, já obtivemos em trabalhos de adubação até 90 toneladas de massa verde por hectare e podemos afirmar, com uma grande margem de segurança, que um

hectare de sorgo será suficiente para o enchimento de silos de 30–80 toneladas (logicamente, dependendo de vários fatores: solo, adubação, tratamentos culturais, etc.).

A cultura deve ser encarada pelos nossos criadores como fonte econômica de volumosos, em toda a fase de carência, provocada pela baixa produção de nossas pastagens durante o período seco.

Resultados e Conclusão

Observando os quadros 2 e 3, verifica-se que os tratamentos que apresentaram as melhores produções de massa verde e proteína foram: napier – siratro, napier – Stylosanthes

e napier – N mineral; o que nos mostra claramente a superioridade destes três tratamentos.

Pelos resultados obtidos, conclui-se que:

1) A consorciação gramínea – leguminosas, para capineiras, quando feita com leguminosas forrageiras adaptadas à região, é uma prática altamente vantajosa por proporcionar o aumento da produção de massa verde e do valor nutritivo da forragem sem a necessidade de N mineral, o que significa economia para o agropecuarista.

2) Para a região em questão, o siratro e o Stylosanthes podem ser indicados como as mais eficientes entre as cinco leguminosas testadas.

QUADRO 2. Peso de massa verde de napier e leguminosas em t/ha nos quatro cortes.

Plantio efetuado em outubro de 1969

Tratamentos	Março 1970	Outubro 1970	Agosto 1971	Março 1972	Médias
Napier	9,50	11,44	28,44	18,94	68,32
Napier + Esterco	11,37	12,31	23,75	20,19	67,62
Napier + N Mineral	12,69	14,56	37,87	32,25	97,37
Napier + Siratro	15,19	15,06	26,87	32,25	89,37
Napier + Centrosema	11,12	10,44	19,69	20,87	62,12
Napier + Kudzu	10,56	15,87	24,75	23,50	74,68
Napier + Soja perene	8,00	11,81	20,62	22,75	63,18
Napier + Stylosanthes	16,62	20,94	35,37	26,37	99,30
Total	95,05	217,32	112,43	197,12	621,96

QUADRO 3. Proteína bruta do napier e leguminosas em kg/ha no 1º e 4º corte.

Tratamentos	Março 1970	Março 1972	Médias
Napier	212,49	242,37	227,43
Napier + Esterco	213,42	318,49	265,95
Napier + N Mineral	384,27	387,67	385,97
Napier + Siratro	384,62	516,80	450,71
Napier + Centrosema	320,41	332,71	326,56
Napier + Kudzu	302,01	362,32	332,16
Napier + Soja perene	146,44	365,91	256,17
Napier + Stylosanthes	329,31	462,27	395,79
Total	286,62	373,57	330,09

2 x 40 kg/ha aplicado no plantio em novembro de 1970.



Ministério da Agricultura

IN ILO TEMPORA

* Dr. Luiz Guimarães Junior

Estação Experimental de Campos

Assumindo a Presidência da República com a morte do Conselheiro Afonso Pena, o Vice-Presidente Nilo Peçanha houve por bem criar no Ministério da Agricultura, a Estação Experimental de Cana-de-Açúcar no Município de Campos dos Goitacazes.

Filho da Cidade de Campos — hoje a famosa Capital do açúcar na região do Brasil Central — procurou beneficiar sua terra natal, uma das maiores produtoras da famosa gramínea, fonte de quase todo o dulçor de nossa vida.

Escolheu-se, para tal fim, um trato de terras de cerca de 200 hectares, aliás de acordo com a legislação vigente na época, a qual exigia um mínimo de área correspondente a 200 hectares para que se pudesse instalar um estabelecimento daquela ordem.

A sede da referida Estação Experimental foi construída bem junto às ribas do grande rio Paraíba do Sul, vis-a-vis da Cidade de Campos e a poucos quilômetros de sua embocadura no Oceano Atlântico, próximo à praia de banho do Atafona.

Pela direção daquela dependência do Ministério da Agricultura passaram vários técnicos de renome, tais como Torres Filho, Adrião Caminha e J. Grangier, os quais realizaram trabalhos experimentais de valor.

Com a produção de sementes de canas selecionadas, especialmente das va-

riedades P.O.J, trazidas de Java, na Índia, a Estação Experimental imprimiu grande impulso ao desenvolvimento da cultura e indústria canavieiras em toda a região norte do Estado do Rio. As sementes eram vendidas, a preços baixos, aos interessados.

Certa vez, (permitam-me um aparte: vou vender o peixe pelo preço que o comprei), o Ministério da Agricultura mandou buscar, na França, um especialista na cultura de cana-de-açúcar, técnico este que havia trabalhado longos anos numa colônia francesa da África.

Chegado o homem, foi designado um funcionário do Ministério para acompanhá-lo, o qual, além de ser campista, conhecia alguma coisa do assunto e falava um pouco de francês.

Naquele tempo, o melhor e mais rápido meio de transporte para aquela Cidade era o trenzinho da Leopoldina, legítima Maria-fumaça que, como dizia Gus Brawn, tinha horário de sair, mas não tinha de chegar. Durante pequena parada em Quissaman, surgiu um garoto na plataforma da estação, vendendo roletes de cana enfiados em finas taliscas de bambu, formando verdadeiro buquê. Ao vê-lo, o francês perguntou: "comment s'appelle ça?" São roletes de cana, respondeu o funcionário, admirado de que o grande técnico importado não conhecesse roletes de

cana-de-açúcar!

Voltemos à Estação Experimental:

Na década dos trinta foi nomeado seu Diretor, o Engenheiro Agrônomo Frederico Menezes Veiga, jovem competente e dedicado, o qual começou logo a desenvolver um trabalho de profundidade baseado nas leis da Genética, tentando obter uma ou diversas variedades de cada que pudessem substituir, com vantagem, as que já se apresentavam, com alguma degenerescência.

Visava ainda dar novo impulso à agroindústria açucareira em toda uma — já agora extensa — área canavieira.

Como é sabido, os trabalhos de cruzamento de plantas visando melhorar suas qualidades intrínsecas, especialmente quanto à produtividade e resistência a viroses, como no caso da cana-de-açúcar, exige qualidades especiais do operador, sobretudo quando se trata de plantas de procedimentos divergentes, como aconteceu com um dos experimentos realizados pelo Prof. Frederico.

Foi o caso de que teve de cruzar uma planta-base da Estação, com uma espécie silvestre, cujas florações se processavam em épocas um pouco desencontradas. Desse modo, teve ele de usar artifícios para conseguir a fecundação indispensável.

Assim, após alguns anos de árduos trabalhos, que lhe exigiram paciência budística e alto tino científico, conseguiu o Engenheiro Agrônomo Frederico Menezes Veiga (infelizmente falecido no princípio deste ano), um número considerável de variedades nobres de cana-de-açúcar, às quais ele convencionou denominar de CB (Campos-Brasil), seguidas do ano em que foram obtidas e mais o número do projeto respectivo.

Dentre elas, sobressaiu-se a variedade CB-45-3, dada sua grande rusticidade e elevado rendimento agrícola, alcançando a capacidade de produzir até cinco colheitas com rentabilidade, tendo em vista o número considerável de sacas que emite. Essa variedade tem alcançado grande sucesso até no exterior onde tem servido de base da lavoura canavieira da África do Sul, do Irã (antiga Pérsia) e da República do Zaire (antigo Congo Belga).

Da Estação Experimental de Campos têm saído as variedades de cana que hoje dominam a cultura canavieira do país.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

RESUMO COM APRECIACÃO

Sylvia Maria da França

ALVARENGA, Octávio Mello — Direito agrário. Rio de Janeiro, Instituto dos Advogados Brasileiros, 1974. 303 p.

É uma breve exposição histórica sobre a evolução da legislação agrária no Brasil, para depois se fixar, em capítulos distintos, na análise de temas específicos como reforma agrária, cadastro agrário, imposto territorial rural, etc. São também estudados os mecanismos dos programas de estímulo regional (PROTERRA, PRODOESTE, PROVALE, etc.) e avaliados seus resultados para o desenvolvimento econômico integrado e, em particular, para o desenvolvimento agrícola. Abordam temas agrários propriamente ditos, demonstra a eficácia deste novo ramo da ciência jurídica como instrumento eficaz na preservação do meio-ambiente. Trata de assuntos de extrema atualidade: descapitalização ecológica, poluição, legislação sobre fauna, etc. O livro possui extensa indicação bibliográfica, o que o torna indispensável à Biblioteca dos mais exigentes especialistas.

De grande utilidade como roteiro de estudo, apresenta uma visão de conjunto de todos os instrumentos jurídicos utilizados na execução da política agrária do governo.

O autor está muito bem recomendado, em vez que se trata do Vice-Presidente da Associação Mundial de Direito Agrário.

BRAGA, Lilian Maria comp. — Bibliografia seletiva sobre comercialização agropecuária no Brasil. Rio de Janeiro, CICOM, 1972 - 93 p.

Faz referência as Instituições que participaram deste trabalho.

Relaciona títulos de periódicos e dá informações sobre os mesmos, além de 388 referências sobre comercialização agropecuária no Brasil, possui índice remissivo de assunto. EXCELENTE TRABALHO.

REZENDE, Nilza Perez de — Obrigações trabalhistas do Empregador Rural. 2 ed. rev. e atual. São Paulo, Ed. LTR, 1974. 316 p.

A certeza de que somente com a observância exata da legislação trabalhista se poderá alcançar o clima desejável de bom atendimento entre empregadores e empregados rurais, levou a advogada Nilza Perez de Rezende a escrever o utilíssimo livro "Obrigações Trabalhistas do Empregador Rural", cuja 2. edição — revista e atualizada — vem de ser lançada pela LTR — Editora, de São Paulo.

A autora, que é reconhecida no assunto, justifica o surgimento desta nova edição do seu livro pela necessidade im-

periosa que sentiu de ter de refundir o texto original, enquadrando-o na Consolidação das Leis do Trabalho — em tudo que não colidir com a Lei nº 5.889 a fim de que empregados e empregadores rurais fiquem conhecendo correta e objetivamente — todos os seus direitos e obrigações, face às alterações ocorridas na legislação que lhes era aplicável.

O livro está dividido em nove partes, abrangendo e esgotando mesmo todos os aspectos jurídicos e legais relacionados com o trabalho rural, inclusive comentários às leis que passaram a ser aplicadas aos empregados e empregadores do campo, além de modelos de contratos, recibos, avisos, petições e outros, bem assim as decisões mais recentes dos tribunais sobre a matéria.

Ênfase especial é dada à Previdência Social Rural, com o propósito segundo a autora do livro — de orientar os trabalhadores rurais no sentido de como proceder para obter, resguardar os direitos que as leis previdenciárias lhes asseguram.

O preço do livro é de Cr\$ 45,00 e o pagamento poderá ser feito através do reembolso postal ou cheque visado, pagável na Guanabara a favor de Nilza Perez de Rezende, rua Barão de Lucena, nº 103 — Botafogo/Rio de Janeiro (GB) — 20.000 — ZC. 02

WIEDEMANN, Luiz Felipe de S. — Brasil, realidade e desenvolvimento 2 ed. São Paulo, Sugestões Literárias, 1973. 558 p. tab.

Dá as perspectivas atuais da educação moral e cívica do Brasil, com legislação e conceito de educação. Trata de geopolítica e da geoconomia nacional dando um panorama geral da realidade brasileira.

São focalizadas as instituições sociais, políticas e econômicas, problemas morfológicos, problemas de desenvolvimento econômico, problemas sócio-econômicos, problemas políticos e a segurança nacional.

Os verbetes foram elaborados por colaboradores do mais alto nível. Participam, o Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, Ministério do Planejamento, Fundação Getúlio Vargas e uma equipe de professores universitários e jornalistas.

Da sua leitura poder-se-á aferir o quanto já fez o governo revolucionário de 1964.

Pode-se sentir como o desenvolvimento Nacional se realiza, oferecendo ao Brasil um lugar no conserto das nações: de GRANDE POTÊNCIA.

BRASIL

NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES

Grande prêmio Ministério da Agricultura

Bastante concorrida a reunião do dia 10 de março pp., no Hipódromo da Gávea, com a realização do Grande Prêmio Ministério da Agricultura, precedido de um almoço ao titular da pasta e seus imediatos auxiliares, que compareceram em grande número, como criadores e proprietários de cavalos de corridas, com o presidente da sua Associação à frente, Dr. Roger Guedon. O ministro Dr. José Francisco Moura Cavalcanti, ausente na Amazônia, foi representado pelo diretor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal Dr. Joaquim Francisco de Carvalho, que respondeu à saudação que lhe foi feita pelo Dr. Adair Eiras de Araújo, vice-presidente do Jockey Club Brasileiro em seguimento às palavras do presidente da sociedade Dr. Francisco Eduardo de Paula Machado. Após o desenrolar do Grande Prêmio Ministério da Agricultura, o Dr. Francisco Eduardo de Paula Machado parainfou a cerimônia de entrega das taças e medalhas aos vencedores das Estatísticas de 1973 e que couberam ao Haras São José & Expeditus, como criador e proprietário (vitórias e somas ganhas), aos treinadores Ernani de Freitas (somas ganhas) e S. Morales (vitórias) e ao jóquei e aprendiz Gonçalo Feijó de Almeida e A. Ferreira (vitórias e somas ganhas). O representante do Ministério da Agricultura Dr. Joaquim Francisco de Carvalho entregou taças aos vencedores da prova clássica (ofertas dos homenageados) que foram Stud Simone Elena, proprietário, W.T. Souza (treinador) e G. Menezes, jóquei. O cavaliário foi também obsequiado.



Da esquerda para direita

Dr. Carlos Arthur Repsold — Diretor da Revista "A Lavoura"

Dr. Waldemar Gurgel do Amaral — Presidente da A.S.A.

Dr. Francisco Eduardo de Paula Machado — Presidente do Jockey Club Brasileiro

Dr. Adair Eiras de Araújo — Vice-Presidente e Sr. Mário Magalhães — Diretor do Serviço de Imprensa do Jockey Club



Momento da entrega das taças pelo Representante do Ministério da Agricultura, Dr. Joaquim Francisco de Carvalho (presidente do IBDF).

Soja

1) - PRODUÇÃO BRASILEIRA E PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE SOJA (toneladas)

ESTADOS	1970/71	1971/72	1972/73 (*)
Rio Grande do Sul	1.200.000	2.000.000	2.800.000
Paraná	567.100	966.203	1.460.300
São Paulo	93.600	222.000	366.000
Santa Catarina	100.000	130.000	150.000
Outros Estados	139.300	181.797	223.700
Total do Brasil	2.100.000	3.500.000	5.000.000

(*) Dados preliminares.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola - SP, CEPRES, PR., Ministério da Agricultura.

2) - IMPORTAÇÕES DE SOJA EM GRÃO EM 1.000 t, 1971/72

País	1.000 t		Varição
	1971	1972 (1)	%
Japão	3.211,6	3.395,6	+ 5,7
Alemanha Ocidental	2.095,6	2.236,6	+ 6,7
Espanha	1.311,0	1.428,5	+ 8,9
Países Baixos	1.208,8	1.608,6	+ 33,1
Itália	857,8	814,0	- 4,1
Taiwan	522,8	711,6	+ 36,0
Dinamarca	491,1	533,3	+ 8,6
Total Mundial	12.608,0	13.737,0	+ 8,9

(1) - Dado provisório.

FONTE: "Oil World Weekly".

(7) - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

O Ministério da Agricultura informou que o setor primário (rural) brasileiro cresceu 8% neste ano, não considerando a lavoura do café. O subsetor agrícola teve uma produção 10% superior a do ano passado, sem café.

O excepcional investimento em fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas

mostra que o campo teve um grande estímulo, em 1973. A subsecretaria de Planejamento e Coordenação, do Ministério da Agricultura está trabalhando sobre um novo fator: o da valorização mundial dos produtos primários, "que abre excepcionais perspectivas para o Brasil".

São Pedro dos Ferros capital do Zebu Leiteiro

Venha conhecer os rebanhos zebuínos que lideram as estatísticas mundiais.



LAMINA, RE, LM, a Campeã Mundial da raça Guzerá, com 5.096 kg de leite em 365 dias, uma das reprodutoras da

ESTANCIA KANKREJ José Resende Peres



PRATINHA, RE, LM, da raça Gir, com 5.749 em 365 dias, uma das vacas do famoso plantel da

FAZENDA BRASÍLIA Rubens Resende Peres

Estamos a 3,30 horas de Belo Horizonte, via Ouro Preto-Ponte Nova-Rio Casca.

Reparta conosco o sucesso, injetando rusticidade e alta produção de leite em seu rebanho leiteiro, a um só tempo!

E venha ver as maravilhosas novilhas Holando-Zebus - sinônimo de leite a mais baixo custo. Amochadas, vacinadas contra brucelose, aftosa e carbúnculo sintomático.

Informações no Rio:
Av. Churchill, 38-B — 2.º andar
Tel.: 252-5529 — 265-3654 — ZC. 39

Ferrovias

A previsão é de que, dentro de dois anos, as ferrovias brasileiras estejam em condições de transportar o volume de carga agrícola, para alimentar os Corredores de Exportação. O planejamento da produção de escala, na agricultura, foi acompanhado do plano de modernização, reequipamento e expansão da rede ferroviária, convocada a desempenhar novo papel de relevo na economia nacional.

As estradas de ferro estão tendo, universalmente, uma revalorização como meio de transporte e, sobre elas, os técnicos se debruçam, para melhorar-lhes o rendimento e a produtividade. O Brasil, por outra via de necessidade, chega a conclusão semelhante e programa tirar o máximo proveito de sua rede ferroviária, que a partir da metade do século passado, até 1930, teve importante desempenho na evolução de nossa economia.

Os produtos e as matérias-primas, que constituíam nossas exportações no passado, concorreram para as ramificações ferroviárias que se alastram na região Leste brasileira. Os Cor-

redores de Exportação, idealizados para ordenar o fluxo da produção agrícola, a partir dos espaços interiores, em fase de integração à economia nacional, rumo aos portos, terão nas estradas de ferro o meio de transporte adequado. As ferrovias são, comprovadamente, o transporte economicamente adequado às grandes cargas.

A agricultura brasileira dá sinais de aumento de produção que se reflete no volume do noticiário dos jornais. Há um conjunto de sinais indicativos de que a atividade rural torna-se o centro de atenção geral e canaliza recursos. Nas cidades e, em particular, nas áreas metropolitanas, é difícil formar um juízo do que seja realmente o despertar da agricultura brasileira.

Para que o volume de nossa produção seja capaz de suprir as lacunas do

abastecimento interno e se traduza numa linha contínua de exportação, é fora de dúvida que será necessário acelerar a utilização de técnicas modernas no trato da terra bem como elevar a níveis profissionais o trabalho no campo. A revolução tecnológica do campo é que poderá mostrar a real face agrícola brasileira. As máquinas e a organização da propriedade podem, em muitos casos, ser importantes para a produção de escala, mas sem dar status profissional ao técnico agrícola e sem gerar a mística que reabilite a agricultura, será preciso muito mais tempo para fazer, na evolução econômica, a distância que as ferrovias sozinhas não podem cobrir.

Ceará

O sofisticado caviar, que faz as delícias dos gourmands de todo o mundo, poderá em breve ingressar na pauta de exportações do Brasil. Recentemente, num elegante coquetel realizado nos salões do clube dos funcionários do Banco do Nordeste, em Fortaleza, o Laboratório de Ciências do Mar, da Universidade Federal do Ceará, apresentou a um seleto grupo de pessoas o caviar feito de ova de peixe-voador, que é abundante no litoral do Nordeste. O enorme sucesso do novo produto entre os que o degustaram quase esgotou o estoque produzido pelo Labomar.

Café

A Brooke Bond Ox Ltd, de Londres, a maior organização mundial de chá, informou ter ingressado no mercado de café solúvel utilizando exclusivamente o produto brasileiro. Já investiu, na promoção do nosso café, 2 milhões de libras.

ASTENIA SEXUAL

Voronoff revolucionou a Medicina demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e de vigor sexual. Chamamos a atenção da classe médica para a fórmula de TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais.

**NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS
OU PELO REEMBOLSO — CAIXA
POSTAL 24.039 — TIJUCA-RIO**

**Tosse?
X A R O P E
MUSSAMBÊ
eficaz e seguro**

Minas Gerais

DESTAQUES DA AGROPECUÁRIA RECEBEM MEDALHA DO MÉRITO

Por deliberação do seu Conselho de Representantes, a Faemg instituiu a Medalha do Mérito Rural, que será concedida, a partir deste ano, àqueles que se destacaram nos setores Lavoura, Pecuária, Ciência, Divulgação e Ação Social. A medalha recebeu a denominação de "Odilon Braga", como homenagem a um dos beneméritos da nossa agropecuária.

A seleção dos agraciados será feita em reunião secreta do Conselho e nenhum nome será contemplado se não receber, pelo menos, 5 dos oitos votos dos membros do Conselho. A entrega da medalha se dará no dia 28 de julho, Dia do Agricultor, em sessão solene. O Conselho da Medalha do Mérito Rural "Odilon Braga" terá como presidente nato o presidente da Faemg e será composto por representantes da Secretarias da Agricultura e do Trabalho e Ação Social, da Sociedade

de Mineira de Agricultura, da Sociedade Mineira de Veterinária, da Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos, da Organização das Cooperativas do Estado e do Sindicato dos Jornalistas de Minas. As indicações devem ser feitas até 31 de março.

MINAS PRODUZ 4,5 MILHÕES DE SACAS DE CAFÉ EM 1974

A safra de café de Minas Gerais este ano será de aproximadamente 4,5 milhões de sacas, 200% maior que a do ano passado que foi de 1,5 milhões. O valor desta super safra está calculado em cerca de 1 bilhão de cruzeiros. Essa situação de destaque de Minas no cenário nacional da cafeicultura faz parte do programa do IBC, que após 3 anos de sua implantação, possibilitou o plantio de 260 milhões de novos cafeeiros no Estado, o que significa 50% de todo o plantio do País nesse período.

Segundo o Programa Integrado de Pesquisas Agropecuárias de Minas Gerais — Pipaemg, o elevado número de pesquisas contra a incidência de doenças na lavoura cafeeira está contribuindo para criar em curto prazo, uma tradição regional do cultivo. Isso porque, a qualidade do café plantado (ainda em potencial) dará condições de produzir de 20 a 25 sacas por hectare em cada safra.

As pesquisas do Pipaemg atingem 25 municípios no momento, englobando de preferência a região do Sul de Minas, onde se localizam 60% da cafeicultura mineira.

Minas é, segundo os técnicos, a grande opção da cafeicultura nacional, uma vez que está menos exposta às geadas (no Paraná em 1972, 40% da produção foram destruídas pelas geadas) e o índice de ferrugem é em menor escala.

MILHO, FEIJÃO TERÃO TAMBÉM BOAS COLHEITAS

Minas deverá produzir 3.636.270 toneladas de milho este ano, quantidade superior em 22,8% à safra do ano passado, conforme informações da Secretaria da Agricultura. A safra de feijão-das-águas será superior em 24,4% à de 1973, atingindo 156.857 toneladas. A produção de algodão, apesar da área plantada ter caído em 35%, será

de 113.796 t., significando um aumento de 11,1%, o que revela o crescimento do índice de produtividade da cultura.

Segundo os técnicos da Secretaria da Agricultura, o aumento das safras destes produtos, como de vários outros, deveu-se a vários fatores, como os preços correntes do mercado, que estimularam os agricultores e também a política do governo em vários setores desta atividade econômica.

Paraná

IVAIPORÃ PRODUZ MILHO À GRANEL

Numa época em que todas as áreas são tomadas para o cultivo da soja, havendo portanto, uma diminuição da área cultivada com café, milho, feijão, arroz e algodão, bem como nas pastagens, esquecendo-se que não é só de soja que depende a economia brasileira, surge este ano, como vem acontecendo nestes últimos tempos, o Município de IVAIPORÃ — PR, com uma notável produção de milho, estimada em 110.000 toneladas, constituindo-se nos primeiros municípios, senão o primeiro maior produtor de milho do Brasil. O aumento da produção, já que na safra 72/73 produziu cerca de 90.000 t, deve-se às ótimas condições climáticas, com altos índices pluviométricos ocorridos durante os meses de dezembro/73 e janeiro/74 e também na adoção das tecnologias modernas.

Destacamos também que o município já contribuiu enormemente na produção de feijão, onde foi colhido mais de 20.000 t, mamona com 12.000 t e arroz com 15.000 t.

Para a safra 73/74 é esperada uma produção de 30.000 t de feijão; 20.000 t de mamona; 15.000 t de arroz e como já frisamos anteriormente 110.000 t de milho; continuando assim a região central do Paraná a ser um dos maiores centros produtores de cereais do Brasil, já que os municípios limítrofes, Pitanga, Manoel Ribas, Grandes Rios, Jardim Alegre e Cândido de Abreu que também são grandes produtores de feijão, milho, mamona, arroz e algodão.

SO E CALVO QUEM QUER



Um Plágênio para a doença do cabelo, da coroa cabelada e da barba, não o sempre.



PILOGENIO

AS PESSOAS IDOSAS OU NÃO

encontram o medicamento eficaz para os males da bexiga, rins, próstata e uretra



UROFORMINA

Granulado, efervescente, de agradável sabor.

PRODUTOS GIFFONI

Paraná

Todas as previsões feitas para atual safra de trigo do Paraná foram superadas pela produção, que deverá alcançar aproximadamente 420 mil toneladas este ano, numa área plantada de 310 mil hectares.

A informação foi divulgada pelo Centro de Promoções Econômicas do Governo do Paraná, que realiza um trabalho de acompanhamento da economia estadual junto aos setores de maior representação. Esta revisão dos dados conhecidos somente foi possível após o término da colheita em áreas de grande produção.

Embora a área plantada não tenha sido aumentada, a atual safra registrou um acréscimo de 370% em comparação com a de 1972, quando foram colhidas somente 90 mil toneladas. Da produção atual, o Banco do Brasil já comprou aproximadamente 350 mil toneladas.

A Fecotriga está pedindo um aumento de 92% no preço da saca de trigo.

Pernambuco

TÉCNICOS DA ANCARPE RECEBEM TREINAMENTO

Iniciou, em Salgueiro, treinamento de capacitação em Crédito Rural Orientado, reunindo 17 técnicos do Serviço de Extensão Rural de Pernambuco — ANCARPE. Tendo em vista a relevância de que se reveste a assistência técnico-creditícia, a ANCARPE também realizou treinamento semelhante no período de 4 a 8 do corrente para 22 extensionistas que atuam nos seus escritórios localizados na região agreste do Estado. Os treinamentos estão sendo ministrados pelo agrônomo Mauro de Castro Cavalcanti.

O Serviço de Extensão Rural de Pernambuco tem no Crédito Rural

Orientado um dos suportes básicos para a sua ação técnica educativa junto aos produtores rurais. Em 1973, foram elaborados 1.130 planos de financiamento agrícola, no montante de 34 milhões de cruzeiros, com recursos oriundos do Banco do Brasil, BANDEPE e Banco Econômico.

São Paulo

MANAH TEM NOVA DIRETORIA

Para acompanhar o desenvolvimento constante e crescente da Manah, fez-se necessário distribuir entre um número maior de diretores as responsabilidades e os encargos que até hoje eram divididos por Dr. Cardoso e Dr. Camargo. Os estatutos sociais foram reestruturados para atender a essa exigência, instituindo-se o Conselho Diretivo, que, pela eleição realizada na A.G.O. de 28 de setembro, ficou assim constituído:

Fernando Penteado Cardoso —
Presidente do Conselho Diretivo
Eduardo Lacerda de Camargo —
Diretor Presidente
Adeval Cesar de Carvalho —
Diretor Executivo — Finanças
Nilton Bastos Plá —
Diretor Executivo — Região Sul
Wilson Armelin —
Diretor Executivo — Operações.

Rio Grande do Sul

GADO LINCOLN RED SERÁ EXIBIDO EM PORTO ALEGRE

Seis touros novos, de "pedigree", de alta qualidade, serão apresentados pela Sociedade de Gado Red Lincoln, da Grã-Bretanha, na Exposição Agropecuária Internacional de Porto Alegre, que se realizará de 26 de agosto a 3 de setembro.

Embora nos últimos anos se tenham exportado vários Lincoln Reds para a América Latina, será a primeira vez em que a raça se exibirá oficialmente na grande exposição de Porto Alegre.

A exibição fará parte do Pavilhão Britânico na mostra. Representarão a Sociedade seu Presidente eleito, sr. Rowan Crymble, e um ex-Presidente, o sr. Hedley Needler.

Conhecida pela maneira econômica e rápida com que produz carne, a raça Lincoln Red populariza-se crescentemente. Além do Brasil, já foi exportada para vários outros países, como a Argentina, Canadá, Estados Unidos, África do Sul e Nova Zelândia.

Os Lincoln Reds são fortes, resistem a temperaturas extremas, dispõem de boa capacidade leiteira e são notados pela facilidade de dar cria — um fator fundamental em rebanhos criados soltos.

Um touro Lincoln Red estabeleceu recentemente um recorde da raça, procriando 25 touros, com peso médio de 563,8 quilos aos 400 dias de idade.



THUYA AVÍCOLA SIMÕES

MEDICAÇÃO PREVENTIVA e CURATIVA DAS PIPOCAS (OU CAROÇOS) DOS PINTOS, GALINHAS, PERUS, MARRECOS, PATOS, POMBO, PASSAROS E AVES EM GERAL

Para o Interior enviamos pelo reembolso postal, e também a venda à Rua do Matoso, 33-Rio-GD e Praça João Mendes, 31-S. Paulo

Medidas

Brasileiras Antigas

Légua = 3000 braças	6.600 m
Milha = 1000 braças	2.200 m
Quadra = 60 braças	132 m
Braça = 2 varas	2,20 m
Vara = 5 palmos	1,10 m
Côvado = 2 pés	0,66 m
Pé = 12 polegadas	0,33 m
Palmo = 88 polegadas	0,22 m
Polegada = 12 linhas	27,5 mm
Linha = 12 pontos	2,3 mm
Ponto =	0,19 mm
Légua quadrada	43,56 km ²
Milha quadrada = 200 alq. (M.G.)	4,84 km ²
Alqueire (Min. Ger. e Rio de Jan.)	4,84 ha
Alqueire (S. Paulo) = 5000 braças ²	2,42 ha
Tarefa (Bahia) = 900 braças ²	43,56 a
Geira = 400 braças ²	19,36 a
Braça quadrada	4,84 m ²
Pé quadrado	1089 cm ²
Palmo quadrado	484 cm ²
Polegada quadrada	756 mm ²
Linha quadrada	5,29 mm ²
Tonelada = 13,5 quintais	793,2 kg
Quintal = 4 arrobas	58,8 kg
Arroba = 32 libras	14,7 kg
Arroba métrica	15 kg
Libra = 2 marcos = 16 onças	459 g
Marco = 8 onças	229,5 g
Onça = 8 oitavas = 576 grãos	28,7 g
Oitava = 3 escrúpulos	3586 mg
Escrúpulo = 6 quilates	1195 mg
Quilate = 4 grãos	199 mg
Grão	49 mg
Tarefa	1/6 ha

Medidas

Norte-Americanas (Inglesas)

e suas conversões em métricas

Nó	15,432 km/h
Milha marítima	1,852 km
Milha inglesa	1,609 km
Yard (= 3 feet)	0,914 m
Foot (16 inches)	0,305 m
Inch	25,4 mm
Square Mile	2,59 km ²
Acre	40,47 a
Square Yard	0,836 m ²
Square foot	9,290 cm ²
Square inch	6,452 cm ²
Cubic yard	0,765 m ³
Cubic foot	0,028 m ³
Cubic inch	16,387 cm ³
Ton (t) = 20 cwt = 2240 lbs	1016,05 kg
Hundredweight (cwt) = 112 lbs.	50,80 kg
Pound (lb) = 16 ounces	453,59 g
Ounce	28,35 g
Grain	64,80 mg
Barrel	119,22 l
Barrel oil	158,98 l
Bushell (ingl.)	36,35 l
Bushell (americ.)	35,24 l
Galon (ingl.)	4,54 l
Galon (americ.)	3,79 l
Quart' dry measure	1,10 l
Quart' liquid measure	0,95 l
Footpound	0,1383 kg/m
Pound p/foot	1,4882 kg/m
Pound p/square foot	4,882 kg/m ²
Pound p/cubic foot	16,02 kg/m ³

NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Alalc

Em relação a 1961 o aumento do comércio global, de 1972, foi o seguinte:

México	32,5%
Brasil	20,5%
Colômbia	16,5%
Venezuela	15,0%
Argentina	13,4%
Bolívia	12,8%
Peru	9,73%
Equador	7,60%
Chile	5,67%
Paraguai	4,32%
Uruguai	(- 19,11%)

CICYP

Costa do Marfim

Os principais produtores mundiais de cacau em 1972, com sua produção avaliada em US\$ mil, são: Ghana — 580,9; Nigéria — 307,8; Costa do Marfim — 224,0; Brasil — 200,6; Camerum — 126,0.

O mercado internacional do cacau é um mercado agitado. Desde 1952, tanto produtores como consumidores tentavam a celebração de um Acordo para disciplinar o comércio, só o conseguiram em outubro de 1972 para entrar em vigor em 30 de junho de 1973.

43 países, inclusive a URSS, assinaram e ratificaram esse Acordo, EE.UU. não participa dele, apesar de absorver 24% na produção mundial que é 1.580,0 mil toneladas.

Austrália

A Austrália conseguiu 17 milhões de toneladas de trigo, quase o dobro da anterior. Como o Canadá, a Austrália pensa também em aumentar suas reservas, ante a crise provocada nas reservas mundiais desse precioso cereal e ante as compras maciças realizadas pela URSS em 1972, com segundas intenções com certeza, pois os resultados aí estão palpáveis.

Colômbia

Comércio exterior da Colômbia, em mil dólares:

	Exportações
1970	664.446
1971	633.389
1972	820.167
Jan. a maio 1973	435.139

Importações	Saldo
920.603	- 256.157
784.835	- 151.446
902.006	- 81.839
464.453	- 29.314

Nos dois últimos anos a inflação tem se agravado na Colômbia e particularmente os índices de preços ao consumidor revelaram uma alta de 33,4%. O fenômeno está vinculado principalmente ao aumento do custo dos equipamentos e matérias-primas essenciais, ao desequilíbrio no setor agrícola e situações provocadas pelo setor externo.

As medidas tendentes a combater a inflação não têm dado os resultados esperados donde as constantes greves que vêm agravando mais ainda a vida do povo.

Estados Unidos

Em 1974, a produção mundial de açúcar deverá atingir 90,7 milhões de toneladas, quebrando o recorde de 1972 (84 milhões de t) e superando em 2 milhões de t o consumo previsto. A estimativa é do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, segundo o qual o ano é promissor para os 23 países produtores da América Latina.

A previsão para o Brasil é de uma produção de 7,3 milhões de toneladas métricas, 1 milhão de t a mais que a safra 1972/73. Outros países que deverão obter bons aumentos são Cuba, Índia e Austrália. Já a África do Sul terá sua produção reduzida, o mesmo ocorrendo com a de açúcar de beterraba da União Soviética. O quadro seguinte mostra a produção latino-americana de 1972/73 e a previsão para 1973/74:

	1972/73	1973/74
	(em t/métricas)	
Costa Rica	178	193
Cuba	5.525	5.500
Rep. Dominicana .	1.179	1.270
El Salvador	188	222
Guatemala	270	29
Haiti	67	70
Honduras	59	73
México	2.770	2.878
Nicarágua	142	185
Panamá	88	118
Trinidad-Tobago .	187	193
Argentina	1.295	1.660
Bolívia	123	185
Brasil	6.268	7.211
Chile	167	107
Colômbia	821	880
Equador	250	260
Paraguai	53	60
Peru	915	920
Uruguai	75	72
Venezuela	511	556

João Correia

Atividade da maior importância sócio-econômica, a pecuária espanhola foi objeto de um estudo do Banco de Bilbao, entidade que muito tem feito pelo progresso da vizinha e amiga nação a que nos reportamos. Verificamos que, enquanto a pecuária portuguesa contribuiu com cerca de 29% do setor agrário e a dinamarquesa com 84%, a espanhola colabora com 37% no referido setor agro-pecuário. Por outro lado o valor da produção pecuária no último ano foi de mais de 137 bilhões de pesetas contra 45 bilhões em 1960. Números significativos são igualmente os alusivos ao rebanho pecuário da Espanha, o qual mantém lugar cimeiro na Europa. Mais de 30.000.000 de cabeças de gado bovino, suíno, ovino, cavalar e outros, o que constitui uma riqueza

imensa, existem atualmente em toda a Espanha.

Baseado nesta e em outras riquezas, a primeira das quais é sem dúvida o labor constante de todos os espanhóis, muitos países têm mantido continuamente o interesse em investir em Espanha, tendo sobressaído no último ano a Suíça e os Estados Unidos da América, os quais, em conjunto com outros países, segundo informação da Presidência do Governo, investiram em 1972 cerca de 9 bilhões de pesetas. Aspecto igualmente importante é o que se relaciona com o transporte aéreo em Espanha — mais de 76 milhões de passageiros no último ano. Os livros, tal como revistas e jornais, têm na bela e opulenta terra de Cervantes um excelen-

te campo de ação, tendo no último ano sido editado 20.572 títulos de livros e milhares de revistas, jornais e boletins. Quanto às exportações de mercadorias diversas, a crescer de ano para ano, atingiram em relação em Mercado Comum, organismo em que Portugal está incorporado, cerca de 45% do total. Por sua vez as visitas de altas entidades estrangeiras processam-se a um ritmo impressionante, prova afinal do interesse que a Espanha desperta em todos, chegando uns em visita turística e outros para tratar de assuntos diplomáticos, comerciais e outros. Entre outros visitaram recentemente a Espanha o príncipe Bernardo da Holanda, o Ministro da Indústria Ligeira da Hungria e o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda.

Londres

Ex-ministro Cirne Lima será juiz de gado Devon

British
News
Service

O Dr. Cirne Lima, que já ocupou o cargo de Ministro da Agricultura do Brasil, será convidado a participar da Real Exposição Agrícola de Stoneleigh, na Inglaterra Central, onde atuará como juiz da raça de gado Devon.

A decisão de convidar o Dr. Cirne Lima foi tomada na reunião anual da Sociedade de Criadores de Gado Devon, em Exeter, na Inglaterra Ocidental.

A popularidade dessa raça no Brasil foi demonstrada na exposição anual da Sociedade, onde compradores brasileiros pagaram 5.512 dólares pelo campeão "Stallenge Ben Hope".

Os compradores brasileiros, Dr. Mário César e Dr. José Paulo Costa, fizeram aquisição em nome de três importantes criadores de gado brasileiros cujas fazendas estão situadas no Rio Grande do Sul.



Este é "Beaudesert Goldeneye", grande campeão da reserva de alta qualidade que foi comprado recentemente na primeira venda da Sociedade de Criadores de Gado Hereford, pelo Dr. Mário César, consultor de criação de gado, de um grupo de fazendeiros brasileiros, por 3 150 libras esterlinas.

"Nu-Mag" evita grave doença do gado

British
News
Service

Um fabricante britânico, especializado em alimentos e produtos para a saúde de animais, lançou recentemente um método fácil e econômico para a prevenção de uma doença que ataca o gado e é causada pela falta de magnésio no sangue.

A companhia Gillmans, do sul da Inglaterra, aperfeiçoou um fluido cor de rosa, que contém magnésio e pode ser misturado à água que o gado bebe, através de uma bomba de "dosagem". O novo sistema, denominado "Nu-mag", é considerado um grande progresso em relação aos métodos tradicionais de administração de magnésio, que mostraram ser dispendiosos e ineficientes. O equipamento mede e distribui o fluido para os cochos, assegurando que cada animal receba sua porção diária do elemento, aproximadamente 15 gramas. O sistema também proporciona outras vantagens que são o funcionamento da bomba através da corrente de água, não sendo necessária a energia elétrica, e o custo relativamente baixo do magnésio.

A companhia está certa de que o "Nu-mag" despertará o interesse de muitos países, onde a referida doença — que pode causar a morte em questão de horas — é considerada um problema

para os rebanhos de gado.

(Gillmans, Bilton Road, Bletchley, Milton Keynes, Buckinghamshire, England.)



A bomba de "dosagem", que faz parte do sistema "Nu-mag", lançado recentemente por uma companhia britânica. Este sistema previne uma doença do gado, causada pela carência de magnésio, ministrando doses certas à água que o animal bebe.

Projetos de drenagem utilizam novo sistema

British — News — Service

A firma britânica Hudswell Yates Developments Ltd. criou um sistema de assentamento de tubos sem a necessidade de sulcos, para projetos de drenagem em pequena escala, e que funciona eficientemente em terrenos considerados muito moles para a abertura de regos.

Denominado "Clayton Badger Trenchless Pipelaying System", ele pode ser manobrado por apenas dois, ou no máximo três homens. Compreende um arado de timão longo para abertura de um sulco montado num patim fronteiro, num bogui de quatro rodas na parte posterior, e é puxado por um trator dotado de engrenagem de ancoragem e guincho, com uma tração máxima de 46.000 kg no cabo.

O sistema foi idealizado para o assentamento de tubos PVC ou de argila de 60, 80 e 110 mm de diâmetro, à profundidade de até 1,70 m. O equipamento pode ser modificado para a manipulação de diâmetros maiores, abrir condutos e outras tarefas como a extensão de cabos.



Uma demonstração de novo sistema de assentamento de tubos criado recentemente pela firma britânica Hudswell Yates Developments Ltd.

Japão

O Ocidente e o Japão devem obviamente reajustar as políticas comercial e econômica para enfrentar o desafio imposto pela sombria compreensão de que o petróleo barato e abundante é agora e para sempre uma coisa do passado. Há três maneiras claras de encarar o problema:

1 — É tempo de os membros ricos do Terceiro Mundo não alinhado começarem a contribuir para seus primos pobres, concedendo-lhes uma maior ajuda financeira. Até hoje foi o Ocidente, fundamentalmente, quem financiou as terras subdesenvolvidas. Mas agora existem países — especialmente aqueles habitados pelos árabes — que estão acumulando enormes fundos com a venda de matérias-primas — hoje, petróleo e gás natural, amanhã minerais vitais.

A responsabilidade moral de ajudar um país menos afortunado está passando para os novos ricos, que deveriam assumir uma carga maior, até o momen-

to suportada pelos Estados Unidos e Europa. Esta seria uma maneira positiva de usar uma nova situação criada pelo racionamento do petróleo pelos cartéis árabes, e o conseqüente aumento de preço.

O Terceiro Mundo, que compreende um número maior de membros que os grupos soviéticos ou do Atlântico Norte, se concentrou em torno da causa dos árabes nas Nações Unidas e outros foros. Certamente, seria justo que as ricas terras árabes suportassem grande parte da carga de desenvolvimento — especialmente tendo-se em vista que os doadores originais estão ainda sofrendo com o custo e a escassez de petróleo e têm pouco dinheiro para caridade.

2 — É também óbvio que as nações industrializadas devem permanentemente reduzir sua dependência do petróleo como fonte de energia, usando-o daqui por diante, principalmente, como lubrificantes e produtos petroquímicos. Isto não só significa reduzir o consumo dos derivados de petróleo para transporte, criando novos tipos de veículos, ou desenvolvendo outras fontes de

calor e energia.

Significa também investimento por atacado em pesquisa e desenvolvimento em busca de suprimentos adicionais de energia. E a onerosa exigência de tal exploração científica reduzirá mais ainda os fundos disponíveis das terras pobres.

A pressão sobre as economias ocidentais aumentará, assim. E tendo em vista que seus bancos nervosos estão sempre potencialmente ameaçados pela retirada de investimentos árabes, a necessidade que têm os ricos árabes de apoiar seus partidários não alinhados se torna ainda maior.

3 — Estes métodos de encarar o problema não podem, de maneira nenhuma, ser interpretados como uma ameaça política implícita. Eles simplesmente reconhecem um novo padrão de realidade. A prova é que, se assumir sua responsabilidade seriamente, o Ocidente tentará persuadir os próprios produtores árabes de petróleo a se prepararem para o dia em que os recursos petrolíferos secarem. Pois apesar dos bilhões de barris existentes em seu solo, este dia está chegando inexoravelmente.

RAÇÕES BALANCEADAS

IRMOSAL

IRMOSAL-Bovino N.º 1
*Ração balanceada para
manutenção de bovinos*

IRMOSAL-Bovino N.º 2
*Ração balanceada para
vacas leiteiras até 10 litros-dia*

IRMOSAL-Suíno N.º 2
*Ração balanceada para
crescimento e engorda de suínos*

IRMOSAL-Bovino Popular
manutenção de bovinos

IRMOSAL-Suíno Popular
manutenção de suínos

“IRMOSAL” - Indústria de Ração e Moagem de Sal S. A.

Av. Brasil, 12.698 - Rua Um, 66/66 - A - Mercado São Sebastião - S.I.F. N.º 477
Telefones 260-5561 e 260-5580 - Seção de Vendas 260-5560 - Escritório - Rio de Janeiro, GB.

CARTAS

GERALDO DE OLIVEIRA LIRA

BIBLIOTECA AGRÍCOLA — A Sociedade Nacional de Agricultura, objetivando proporcionar um maior desenvolvimento e aperfeiçoamento da nossa agricultura, mantém, franqueada ao público, para consulta, em sua sede, à Avenida General Justo, 171 — 2º andar, uma das mais antigas bibliotecas especializadas em agricultura e ciências afins, com uma vasta coleção de livros e revistas editadas no Brasil e no estrangeiro.

Conta a Biblioteca da SNA, com um acervo de cerca de 17.000 volumes, entre livros e periódicos, todos catalogados, onde os mais diversos assuntos relacionados à agricultura, podem ser ali encontrados.

Anualmente, é elaborada uma bibliografia, onde são catalogados artigos de jornais e revistas especializadas no assunto, o que, em muito, facilita os leitores na consulta dos temas de seus interesses.

MÁRIO RIBEIRO ESTRELLA
CHEFE DA DIVISÃO DE ENSINO E
DIVULGAÇÃO RURAL
SECRETARIA DE AGRICULTURA
E ABASTECIMENTO/RJ

Estamos empenhados no sentido de que a XXXII EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CORDEIRO — VII ESTADUAL, a realizar-se no período de 20 a 24 de julho, no Parque Raul Veiga, tenha o máximo de sucesso, tornando este tradicional certame em um marco vibrante do progresso do Estado do Rio de Janeiro, demonstrando que o esforço das classes produtoras em consonância com o apoio e as diretrizes do Governo, deram a esta unidade da Federação novas perspectivas de desenvolvimento.

Esclarecemos que as inscrições poderão ser solicitadas a esta Secretaria — Divisão de Ensino e Divulgação Rural — Alameda São Boa Ventura, 770 — Niterói — RJ e que as mesmas estarão abertas até o dia 20 de junho próximo.

— Com os nossos melhores votos de pleno êxito para o certame, aguardamos notícias sobre a realização do mesmo, para publicação, se possível, com fotografias.

VAZPLAN — PROJETOS E PLANEJAMENTO LTDA./PELOTAS/RS.

Somos uma firma de planejamentos Agropecuários e Agroindustriais, atuando em toda Zona Sul e temos interesse em conhecer todas as novidades e notícias que podem ser encontradas em publicações como "A Lavoura", editada por V.Sa., e da qual gostaríamos de ser assinantes.

— Anotamos o endereço para remessas futuras.

ENG. AGR. JORGE KUHN NETO/
SALTO DE PIRAPORA/SP.

Tendo já inúmeras vezes nos servido da objetividade e informação presente nos artigos publicados pela revista "A Lavoura", achamos indispensável sua presença em nossa Biblioteca.

Assim sendo, vimos solicitar a inclusão do nosso nome entre os seus recebedores.

— Seu pedido foi atendido, brevemente a revista estará em suas mãos, gratuitamente.

ENGENHEIRO AGRÔNOMO HENRIQUE RONI BORNE/PORTO ALEGRE/RS.

Vimos apresentar nossas congratulações a respeito dessa magnífica revista,

que é editada pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Muito tenho servido-me de seus artigos para novos conhecimentos meus, bem como, transmiti-los aos produtores hortigranjeiros de Porto Alegre, que abastecem a CEASA. Principalmente, no que diz respeito a doenças e pragas de inúmeras plantas frutíferas e olerícolas, além de outros assuntos de muita importância que são apresentados.

Como Engenheiro Agrônomo e tendo contato direto com os produtores, tenho que estar atualizando-me com a moderna tecnologia agrônômica que está sendo desenvolvida por este Brasil a fora. Muitas experiências e resultados conseguidos ali divulgados, não são obtidos em livros ou compêndios. Portanto, considero essa revista muito importante para meus conhecimentos técnicos, bem como para meu trabalho.

Solicitaria que meu nome fosse incluído no rol de assinantes de "A Lavoura", caso isto seja possível.

— É bom saber disso, Dr. Henrique. Ficamos felizes por saber que estamos sendo úteis. A sua assinatura, já foi providenciada.

DORIVAL MONTEIRO PIMENTEL
SEÇÃO DE NUTRIÇÃO E
AGROSTOLOGIA INSTITUTO
DE PESQUISAS AGROPECUÁRIA
DO NORTE/BELÉM/PARÁ.

Recentemente tivemos a oportunidade de saber, através da edição de set/out/1973 — ano LXXVI — que a Universidade de Reading, Inglaterra, realizou um curso sobre Controle de Ervas Daninhas Tropicais a nível técnico, do qual essa revista se dispôs a fornecer informações. Gostaríamos de receber, se possível, os resultados dos trabalhos apresentados no referido curso.

— Outrossim, solicitamos informações sobre a possibilidade de conseguirmos uma assinatura desse periódico, tendo em vista sua importância como fonte de consultas para a nossa atividade profissional.

— Estamos pesquisando o seu pedido e brevemente lhe remeteremos as informações. Quanto a assinatura, já foi providenciada.



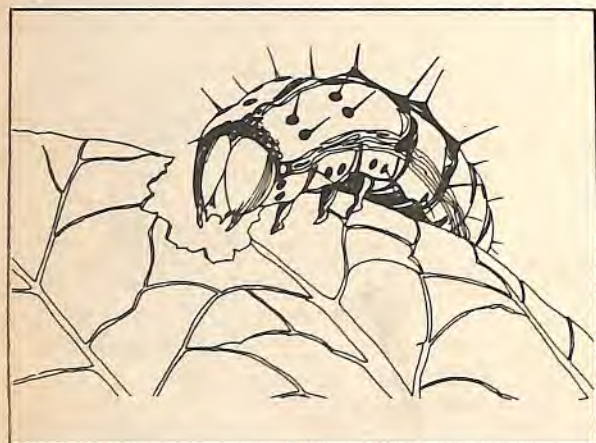
- 1) - **LELY DO BRASIL S.A.**
Indústria e Comércio
Rua Anchieta, 35 - 6º andar - conj. 609 - ZP - 101016
Tels.: 33-4294 e 34-9283 - End. Telegr. "LELYBRASIL" - S. Paulo

"CARRETELA LELY MOD. 2.000"

A **SEMEADEIRA-ADUBADEIRA LELY MOD. H**, pela sua versatilidade, permite o uso de diversos equipamentos. Forma, com a **CARRETELA LELY MOD. 2000**, um conjunto ideal.

Devido a sua capacidade de carga útil, que é de 2000 kg. aumenta o rendimento horário, com maior aproveitamento do trator/homens/hora.

A **CARRETA LELY MOD. 2000**, pode ser também utilizada como veículo de transporte convencional para os trabalhos agrícolas da fazenda, funcionando como uma carreta normal, para isso basta desacoplar a **SEMEADEIRA-ADUBADEIRA LELY MOD. H**, assim como o eixo cardan, que liga a carreta ao trator, removendo o suporte do braço ajustável.



- 2) - **ABBOTT LABORATÓRIOS DO BRASIL LTDA.**
DIVISÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS
Rua Nova York, 245 - São Paulo - S.P.

DIPEL MATA LAGARTAS DO FUMO

Dipel é um assassino de lagartas. Mandarová, Lagarta verde (*Phlegonthontia carolina paphus*).

Dipel acaba com as suas lagartas no início ou no fim da cultura. Não obstante o tamanho que tenham alcançado.

Porém esta não é a única razão por que fumicultores dos Estados Unidos usam **DIPEL** em algumas centenas de hectares de fumo, no ano passado.

Aqui está o que eles afirmam:

"Não somente dá um excelente controle. . . podemos aplicar **DIPEL** pela manhã e colher de tarde". Fay Griner, Georgia.

"Excelente controle dos insetos. . . e o produto não possui odor desagradável". Bruce Rutland, Georgia.



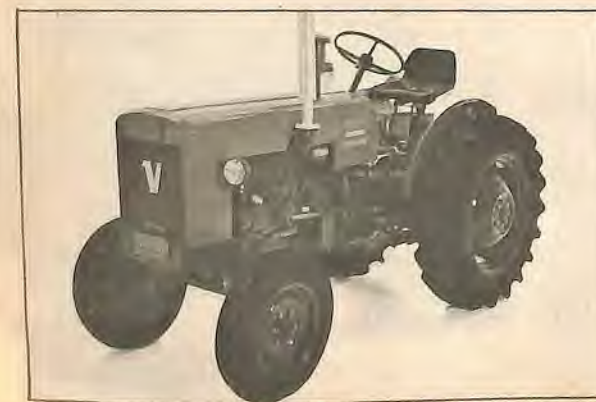
- 3) - **FÁBRICA NACIONAL DE IMPLEMENTOS HOWARD S/A.**
Rua João Batista de Oliveira, 219 - Tel. 282 a 286
PBX-TABOÃO DA SERRA-SP
Corresp. C. Postal, 20603 - Telg. "FNGRAFO" - CEP-01000 - S. Paulo - SP.

ROTAVADOR LARANJEIRO

O cultivo de pomares sempre apresentou grande dificuldade operacional principalmente quando as árvores não permitem a passagem do trator por sob seus galhos.

A fim de suprir esta deficiência, a **FNI-HOWARD**, fabricante exclusiva no Brasil de toda uma gama de rotavadores indicados para todos os estágios e tipos de cultura, lançou rotavator laranjeiro, modelo **EPL-70**.

Ideal para o cultivo da laranja, maçã, cajú e todos os demais tipos de cultura que se caracterizam por um espalhamento de seus galhos e folhas num sistema de guarda-sol.



- 4) - **VALMET DO BRASIL S/A.**
Indústria e Comércio de Tratores
Av. Senador Queiroz, 96 - 8º andar
Tels. 227-5458 - 227-0217 São Paulo

TRATOR VALMET CAFEEIRO

Características Técnicas

MOTOR modelo MWM D225-3TVB - **SISTEMA DE INJEÇÃO** - **SISTEMA DE ARREFECIMENTO** - **SISTEMA DE DIREÇÃO** - **SISTEMA ELÉTRICO** - **SISTEMA HIDRÁULICO** - **TRANSMISSÃO** - **EMBREAGEM** - **TOMADA DE FORÇA** - **BLOQUEIO DO DIFERENCIAL** - **EQUIPAMENTO STANDARD** - **DIMENSÕES E PESO** - **CAPACIDADE**.

Para informações detalhadas das Características Técnicas solicite folhetos para Caixa Postal, 1085 - São Paulo.

PLANTE CANA E ASSOVIIE AO MESMO TEMPO

No Banco do Brasil você resolve o problema da sua lavoura. E o seu problema pessoal. Com a mesma facilidade com que obtém financiamento (para adquirir fertilizantes, máquinas, ou implementos) você obtém um empréstimo pessoal. Seja qual for a sua lavoura, o Banco do Brasil mantém um programa permanente de assistência à sua disposição. Use o Banco do Brasil. E você vai plantar mais. Plantar melhor. E assoviar de alegria. Tudo isto ao mesmo tempo.

mpm

 **BANCO DO BRASIL S. A.**



